

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 10

Outubro de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

BATALHA DE VERDUN ¹

(Segundo a versão francesa)

De 27 de Abril a 3 de Maio

Durante esta semana o aspecto geral do «cerco de Verdun», — como dizem os alemães, não obstante terem atacado apenas 22 quilometros do perimetro do campo entrincheirado — não sofreu alteração sensivel.

Na margem esquerda do Mosa, em 28 de Abril, tomaram os franceses a ofensiva a N. do Mort-Homme contra as trincheiras inimigas, conseguindo apoderar-se delas numa extensão de cerca de 1.000 metros por 300 a 600 de profundidade. Com igual exito atacaram do dia immediato a N. de Cumières. A perda dessas trincheiras, cuja conquista tantos esforços e tanto sangue havia custado aos alemães, levou estes a tentarem violentos ataques no dia 1 de Maio, fazendo-os preceder do habitual bombardeamento.

A N. de Mort-Homme dois regimentos de infantaria, successivamente empenhados, experimentaram graves perdas sob o violento fogo dos franceses.

A N. de Cumières o assalto foi por tres vezes renovado e sempre repellido.

Em 3 de Maio e a N. O. de Mort-Homme ainda os franceses viram coroado de exito um assalto que efectuaram sobre as trincheiras da colina de cota 265 e com o qual se asse-

¹ Continuado de pag. 580.

nhorearam das mesmas trincheiras, fazendo cerca de 100 prisioneiros e tomando 4 metralhadoras.

Na margem direita do Mosa e nos ultimos dias de Abril os alemães bombardearam quasi constantemente as posições da defesa, desde o alto do Poivre até Vaux. Repelidos num ataque que dirigiram sobre as encostas que dão acesso ao forte de Vaux, tentaram outro, entre as quintas de Haudromont e de Thiaumont. Este porém não chegou a desenvolver-se, mercê da precisão do tiro da artilharia francesa concentrado sobre as trincheiras inimigas donde ele fora pronunciado.

O bombardeamento alemão recomeçou, seguido de novo e violento ataque ás trincheiras francesas a O. da quinta de Thiaumont, na direcção do bosque Nawé. Apesar do largo emprego de liquidos inflamados, os alemães não lograram expulsar os defensores e foram dizimados pelo fogo destes.

Ainda um ataque efectuado entre Douaumont e Vaux resultou infructifero para os alemães.

A 11 de Maio os franceses tomaram a ofensiva neste sector, atacando as posições adversas a S. E. do forte de Douaumont, em cuja zona aqueles ocupavam o bosque da Caillette e a lagoa á saída O. da aldeia de Vaux. O resultado do ataque foi a tomada de uma trincheira alemã numa extensão de 500 metros.

De 4 a 10 de Maio

Margem esquerda do Mosa—Ataques á colina de cota 304

O principal esforço dos alemães concentrou-se neste periodo sobre as posições da margem esquerda do Mosa, desde Mort-Homme para S. E. até á colina de cota 304. O bombardeamento que progressivamente foi assumindo uma violencia espantosa, a qual excedia—dizem os franceses— tudo quanto até aí fora visto nesta série de acções em que a artilharia executára fogos de uma potencia e duração até então desconhecidas, estendeu-se desde Cumières até o bosque de Avocourt, sobre uma frente de 8 quilometros. O tiro era por vezes interrompido ou alongado para permitir á infantaria alemã executar assaltos, conduzidos sempre com formidavel impetuosi-

dade, mas que não conseguiram forçar as posições francesas, embora por vezes lograssem êxitos parciais, prontamente anulados pelos energicos contra-ataques e retornos-ofensivos da defesa. Embora nestes ataques não empenhassem efectivos tão elevados como no começo da luta, em Fevereiro, os alemães empregaram ainda assim grandes forças, ás quais exigiram esforços e sacrificios proporcionalmente maiores do que áquelas com que iniciaram a tremenda batalha.

Na tarde do dia 4 de Maio, depois de uma preparação pela artilharia realizada com extrema violencia, a colina de cota 304, sómente canhoneada até então, foi assaltada por forças alemãs de consideravel efectivo, uma divisão de tropas ainda não empenhadas, segundo se afirma.

Os assaltos foram repellidos com perdas sangrentas, mas a trincheira mais avançada dos franceses foi invadida nalguns pontos.

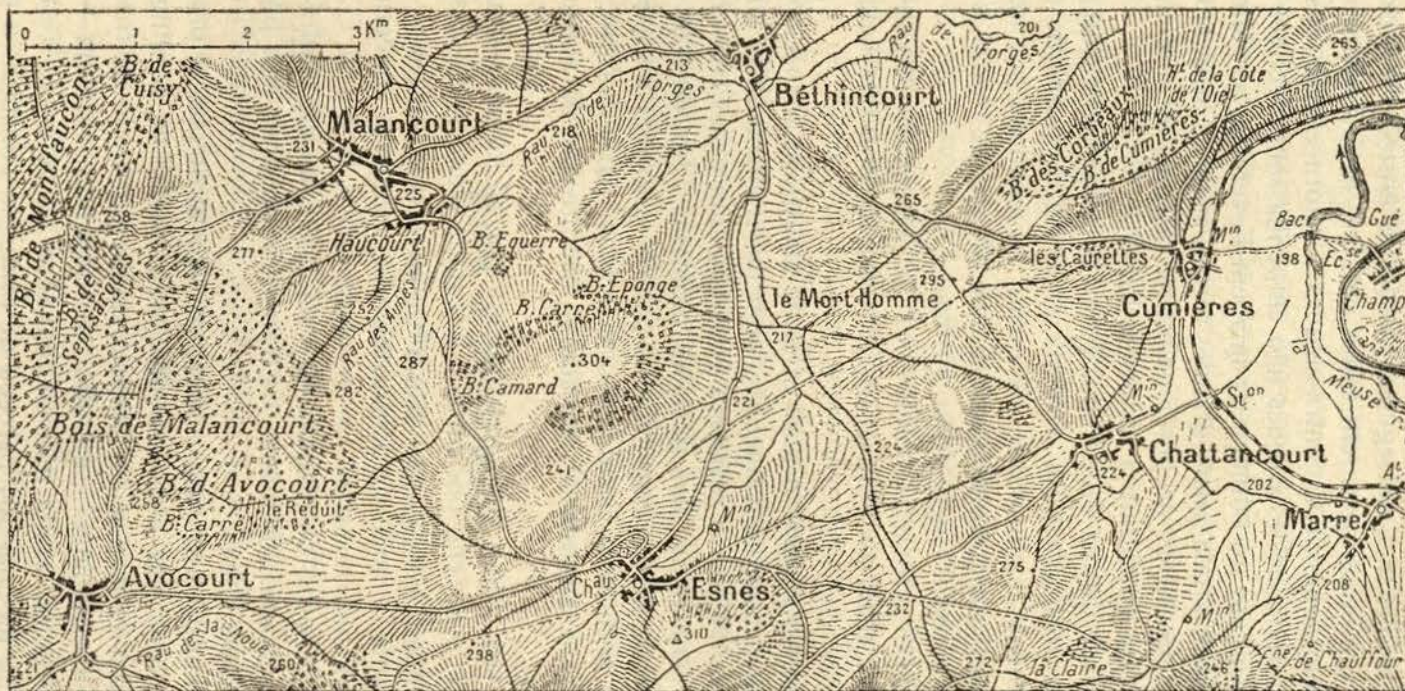
Tentando reparar o mau exito do ataque, os alemães recommearam o bombardeamento e com maior intensidade ainda. Granadas de grosso calibre e granadas com gazes sufocantes caíram sem cessar nas posições francesas. O terreno foi por tal forma revolvido que nalguns pontos se tornou insustentavel. Foi necessario aos defensores evacuar parte das trincheiras sobre a encosta N. da colina, na direcção da aldeia de Haucourt.

Por seu lado a artilharia francesa por tal forma cobriu de projecteis o terreno por onde a infantaria alemã podia desembocar para o assalto, que este não pôde desenvolver-se.

Durante a noite de 5/6, os alemães tentaram apoderar-se dos pequenos massiços de arvoredos que a N. e a N. O. cobrem o rebordo do planalto da cota 304. Com um contra-ataque executado á baioneta, os franceses repeliram-nos porém para as suas linhas.

O bombardeamento entretanto não afrouxára e prolongou-se, cada vez mais violento, até á manhã de domingo 7. Neste dia realizou-se um furioso ataque por meio de tres divisões, constituidas—segundo os franceses afirmam—por tropas frescas, ainda não empenhadas no cerco de Verdun.

O alto da cota 304 pareceu de principio constituir o principal objectivo do ataque, mas o grosso das forças atacantes dirigiu-se afinal, com um impeto formidavel, sobre o vale da



Teatro das operações na margem esquerda do Mosa

ribeira d'Esnes, entre aquela colina e o Mort-Homme, que lhe fica fronteiro. Uma outra força avançou ao assalto mais para O, para junto do caminho de Haucourt a Esnes.



GENERAL NIVELLE

Actual comandante do exercito especialmente incumbido da defesa de Verdun¹

que retroceder. Durante toda a noite 7/8 a luta continuou porém, e com a mesma furia, mas sem exito para os alemães.

Na manhã de 8 um energico contra-ataque dos franceses restituiu-lhes a posse da trincheira perdida no dia anterior.

O bombardeamento recomeçou logo, estendendo-se mais

Sobre esta frente, de uma extensão total de 4 quilometros, os regimentos alemães precipitaram-se «como uma tromba», dizem os franceses, julgando a resistencia da defesa completamente dominada pela intensidade e duração do canhoneio. Iludiam-se, porém: as baterias francesas, habilmente dissimuladas, permaneciam activas e as metralhadoras estavam prontas a deter-lhes o avanço. De facto e por varias vezes o impeto dos repetidos assaltos foi quebrado pela densa chuva de granadas e balas dos defensores.

Sofrendo numerosas baixas e tendo conseguido apenas estabelecer-se num elemento de trincheira no fundo do vale d'Esnes, o atacante teve afinal

¹ Nos primeiros dias de Maio, o general Filipe Pétain, que desde fins de Fevereiro comandava o exercito especialmente incumbido da defesa do campo entrincheirado de Verdun, foi designado para substituir o general de Langle de Cary no comando do grupo de exercitos do centro da linha francesa—sector Soissons—Verdun. Em sua substituição foi nomeado para aquele cargo o general Roberto Nivelle, que anteriormente se encontrava á testa do 3.º corpo de exercito, já empenhado na defesa de Verdun.

Este distinto general não completou ainda 60 anos e fez a sua carreira na arma de artilharia, tendo porem cursado a Escola de Guerra. Permaneceu

para O. até o bosque de Avocourt, preludiando um novo assalto tentado pelos alemães nesse mesmo dia 8 á crista da cota 287, a S. de Haucourt e a O. da colina 304, o qual porém não logrou atingir as trincheiras adversas, pois foi detido pelo vivíssimo fogo da defesa.

Os alemães não renunciavam, porém, á cobiçada altura da cota 304, cuja posse lhes permitiria tomar de escarpa e de revez as fortes posições de Mort-Homme. Toda a noite de 8/9 mantiveram sobre ela um intenso canhoneio e pelas 3 horas da madrugada de 9 a sua infantaria voltou mais uma vez á carga, como o fez também durante a tarde do mesmo dia. Ambos os ataques foram vigorosamente repelidos.

Em 10 ainda a infantaria alemã se arremessou de novo sobre a crista da cota 287, mas foi também rechaçada, deixando alguns prisioneiros nas mãos dos franceses.

Margem direita do Mosa

O sector da margem direita do Mosa durante este período não foi teatro de luta tão encarniçada. De 2 a 6 tudo se limitou ao habitual bombardeamento, o qual só na noite de 6/7 se tornou verdadeiramente intenso sobre as trincheiras francesas que ligavam o bosque de Haudromont aos arredores do forte de Douaumont.

Em 7 uma divisão alemã arremessava-se sobre essas trincheiras e tão impetuosamente que a S. dos bosques de Haudromont a primeira linha francesa caía-lhe nas mãos, numa extensão de 500 metros. Essa divisão experimentou naturalmente grandes perdas e na noite seguinte, em presença de um vigoroso retorno ofensivo dos franceses, perdeu a maior parte do terreno que conquistára com duro sacrificio. Durante

alguns anos na Tunisia e na Argelia, fez a campanha da China em 1900-1901, pertenceu depois ao estado-maior do exercito e desempenhou o cargo de chefe de estado-maior da divisão de Argel. Ao rebentar a guerra em 1914 era, como o general Pétain, simples coronel e entrou em campanha como comandante do 5.º regimento de artilharia, estacionando em Besançon, cobrindo-se de gloria na batalha do Marne onde o seu regimento constituía a artilharia de corpo do 7.º corpo de exercito. Promovido a general de brigada em outubro de 1914, distinguiu-se notavelmente na frente do Aisne e em Soissons, ascendendo a general de divisão em Fevereiro de 1915.

a noite de 8/9 os franceses renovaram a ofensiva e com tão feliz exito que lograram recuperar a sua primitiva primeira linha, nas proximidades da quinta de Thiaumont.

De 10 a 17 de Maio

A 10 de Maio no Mort-Homme e em 12 a S. E. de Haucourt, proximo da cota 287, os franceses adeantaram a sua primeira linha, mercê de alguns felizes combates parciais. Por seu lado os alemães, nos dias 10, 12 e 13 realizaram ataques contra o alto de cota 287, Mort-Homme e cota 304, todos sem exito. Continuaram depois o bombardeamento, mais particularmente dirigido sobre a colina 304 e o bosque de Avocourt. Em 16 efectuaram um ataque sobre este bosque e no mesmo dia um outro, com granadas de mão, sobre Mort-Homme. Ambos foram prontamente repelidos.

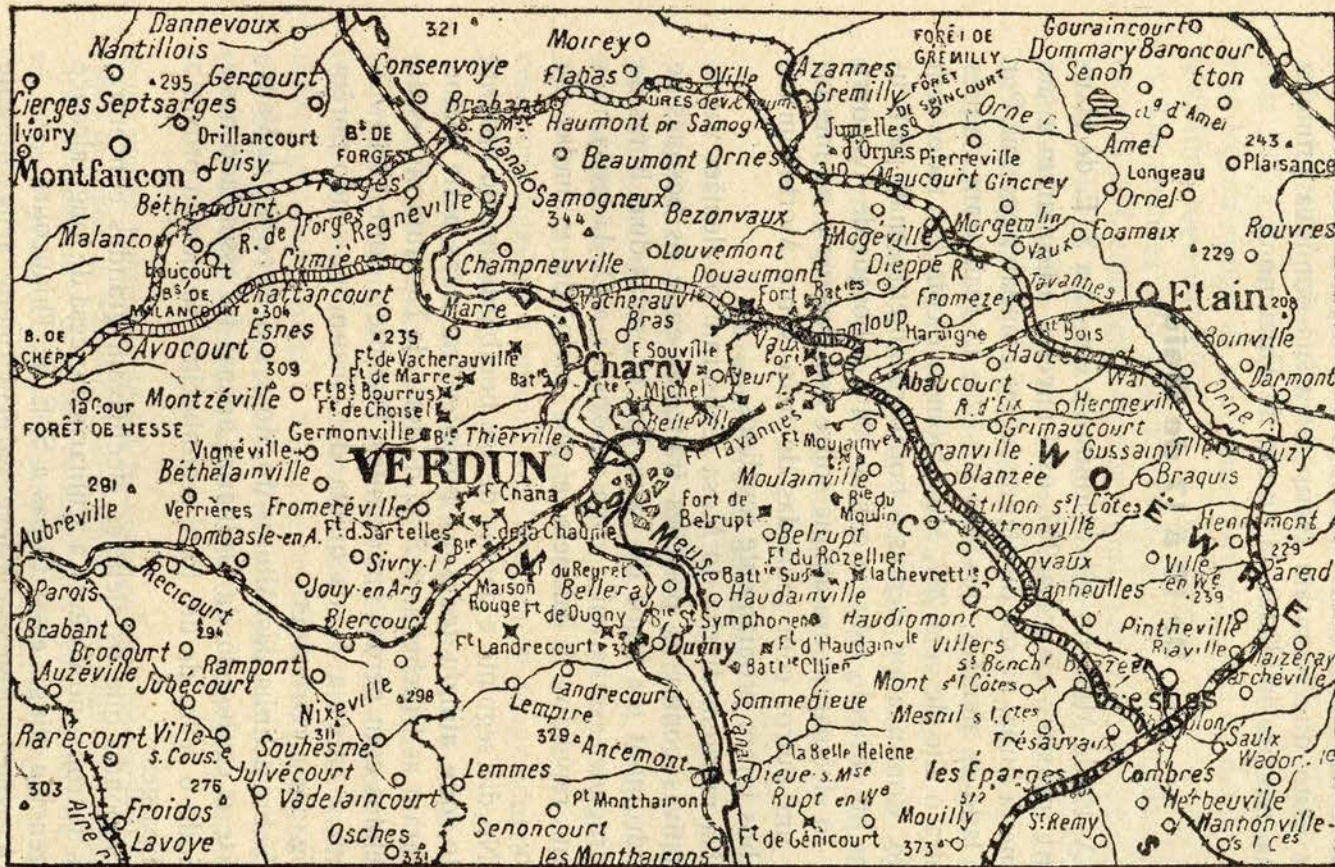
Na margem direita do Mosa realisaram os alemães varias tentativas contra as posições francesas entre os bosques de Haudromont e a lagoa de Vaux. Em 11, pelas duas horas da madrugada, assaltaram a zona arborizada a O. da lagoa, mas foram repelidos á baioneta e por meio de granadas de mão.

No dia seguinte e depois de um bombardeamento prolongado, que atingiu todas as posições francesas neste sector, atacaram as trincheiras a S. E. do forte de Douaumont, sendo repelidos com perdas importantes. Durante a noite 12/13 voltaram á carga a N. da quinta de Thiaumont, sendo porém obrigados a retroceder.

Sobre a linha das Alturas do Mosa, a S. da região de Vaux, áparte o canhoneio da artilharia, apenas foi assinalado neste periodo o revez de um forte reconhecimento alemão proximo de Eparges.

Supondo que os alemães efectuavam grandes concentrações de tropas no Woëvre, a artilharia francesa de longo alcance diligenciou atingir essas tropas a S. E. de Thiaucourt.

A aviação francesa esteve particularmente activa durante este periodo. Na noite de 16/17 varios aviões lançaram bombas sobre diferentes bivaques em Damvillers e Ville-Devant-Chaumont, a N. de Vaux, sobre a estação de caminho de ferro



Frente de batalha do exercito francês em torno de Verdun em 21 de Fevereiro de 1916 e frente aproximada em 15 de Maio

de Briulles e sobre as aldeias de Nantillois e de Romagnous-Montffaucon.

No Argonne as estações de Gandpré e de Apremont foram também atingidas pelos aviadores e em 17 um grupo de aviões bombardeou a estação de Metz-Sablons.

Numerosos combates aereos foram travados neste mesmo dia e três aviões alemães abatidos na região de Verdun.

De 18 a 24 de Maio

Na margem esquerda do Mosa. Ataque a Mort-Homme, Avocout e colina de cota 304

O sector compreendido entre o bosque de Avocourt e o Mort-Homme tinha continuado sendo bombardeado sem interrupção.

Na noite de 17/18 os alemães efectuaram varios ataques contra o reducto daquele bosque, ataques que foram malogrados e lhes custaram grandes perdas. Por sua vez e nessa mesma noite os franceses atacavam, conseguindo apoderar-se de uma trincheira sobre a crista de cota 287, a qual se desenvolve proximo e a O. de Haucourt.

Ao mesmo tempo, sobre a orla N. E. do planalto da cota 304, os franceses tomaram também um fortim.

Durante o dia 18 proseguiu um duelo terrivel entre as duas artilharias, duelo que os alemães interromperam pelas 5 horas da tarde para excutarem um ataque geral á linha adversa. Durante duas horas os fogos de barreira da defesa quebraram e detiveram varios assaltos. Pelas 7 horas o atacante efectuou novo e violento esforço para romper a linha francesa: duas divisões de tropas frescas lançaram-se impetuosamente contra o reducto de Avocourt e contra a cota 304. O choque foi rude, mas apesar da superioridade do numero, os alemães foram mais uma vez repelidos, excepto no centro da linha de defesa, onde um pequena obra, situada junto da cota 287, caíu em seu poder.

Durante o dia 19 a infantaria permaneceu em descanso, mas em compensação a artilharia troou ininterruptamente até a manhã de 20, visando as baterias alemãs especialmente as trincheiras do Mort-Homme, sobre as quais se preparava já novo e mais violento ataque. Este desencadeou-se na tarde de 20 e nele tomaram parte não menos de quatro divisões, ou

sejam 2 corpos de exercito, tendo por principal objectivo as alturas tão cobiçadas do Mort-Homme. Esta verdadeira batalha, que revestiu um encarniçamento extremo, proseguiu durante dia e noite e prolongou-se pelo dia seguinte.

Em 20 os alemães efectuaram varios e sucessivos assaltos. O fogo terrivel da defesa debalde ceifava os assaltantes; as linhas dizimadas eram logo substituidas por novas ondas humanas. A' custa de enormes perdas, os alemães lograram assenhorear-se de varias trincheiras da primeira linha a N. e O. do Mort-Homme e por algum tempo a segunda linha francesa correu tambem grave risco. O fogo dos defensores tornou-se porêm por tal forma eficaz e violento que os alemães tiveram afinal que retroceder e desordenadamente, segundo os franceses afirmam.

Durante a noite a lucta proseguiu com igual violencia e os alemães conseguiram fixar-se numa trincheira da primeira linha, a N. do Mort-Homme.

O dia 21 de maio foi um dos de luta mais constante e mais sangrenta em torno de Verdun. Por um lado os franceses conseguiram recuperar algum terreno sobre a crista de cota 287; por outro os alemães lograram penetrar numa trincheira a E. da cota 304, onde aliás não puderam manter-se.

Contra Mort-Homme lançaram estes ultimos uma brigada completa, a qual foi cruelmente dizimada pelo fogo e por um contra-ataque efectuado por granadeiros franceses. Preparavam-se já novas tropas para apoiar os dois regimentos alemães; as baterias francesas conseguiram porêm impedir-lhes o movimento ofensivo.

Com o caír da noite a acção continuou, mas a violencia dos ataques diminuiu sensivelmente. Os franceses, ao mesmo tempo que repeliam varios assaltos, alcançavam algumas vantagens quer do lado do bosque de Avocourt, quer do Mort-Homme. Um energico retorno ofensivo permitiu-lhes recuperar parte do terreno perdido na noite anterior (20/21). Continuando a ofensiva com exito, no dia 22 logravam expulsar os alemães da obra da crista de cota 287, que estes ocupavam desde 18.

Estes exitos parciais dos franceses e sobretudo os alcançados na margem direita do Mosa, em que sobresaiu a tomada do forte de Douaumont, fizeram desencadear furiosos

ataques das tropas alemãs sobre as duas margens do rio, durante a noite de 22/23 e dias seguintes.

No sector a que nos referimos, a colina da cota 304 e as suas trincheiras na direcção de Avocourt foram particularmente visadas.

O emprego de líquidos inflamados permitiu aos alemães invadir por algum tempo uma trincheira da primeira linha; os defensores porém voltaram á carga e alcançaram reinstalar-se nela. Na direcção do Mort-Homme, todos os assaltos esboçados foram detidos e anulados pelo energico fogo da defesa. O bombardeamento recomeçou então sobre este sector e executado pela artilharia de grosso calibre. Este terrivel canhoneio preparava novo assalto contra os dois flancos do Mort-Homme, o vale de Esnes e as trincheiras na direcção de Cumières.

As primeiras vagas alemãs foram literalmente ceifadas pela artilharia e pelas metralhadoras, sem terem podido atingir as trincheiras que atacavam. Ao cair da noite um segundo assalto, não menos violento, conseguiu alcançar os abrigos franceses, mas um contra-ataque impetuosamente executado por estes, libertava o terreno e repelia os alemães para as suas linhas.

Na noite de 23/24 estes voltavam porém á carga, tomando mais uma vez por objectivo o Mort-Homme e as posições para E. O esforço por eles efectuado foi de ordem tal que, apesar das duras perdas experimentadas, lograram penetrar em Cumières, povoação proxima da margem esquerda do Mosa. No dia immediato tentaram ainda progredir além, mas não puderam dominar a tenaz resistencia dos franceses que não só guardaram as saídas da povoação, como recuperaram até algumas trincheiras junto da orla S.

Na margem direita do Mosa

Os franceses conseguem reocupar por 48 horas o forte de Douaumont

Sobre a margem direita do Mosa, os primeiros dias desta semana decorreram com relativa tranquillidade, sendo o bombardeamento pouco violento.

Em 21 a artilharia francesa intensificou o tiro em todo o sector de Douaumont. Para O. a infantaria francesa tomou

seguidamente a ofensiva contra as pedreiras de Haudromont, fortemente organisadas, conseguindo conquista-las e manter-se nelas, apesar dos violentos contra-ataques dos alemães. Proximo de Vaux, os franceses tomaram tambem uma trincheira.

Calculando que os alemães tinham então a sua atenção e talvez as suas reservas de preferencia concentradas sobre a margem esquerda para os furiosos ataques a Mort-Homme e posições proximas, o alto comando francês resolveu iniciar uma forte e energica ofensiva sobre a margem direita, no sector de Douaumont.

Na madrugada de 22 uma numerosa artilharia pesada rompia bruscamente fogo intenso sobre as linhas alemãs, desde o bosque de Nawé, a O. da granja de Thiaumont, até os bosques a E. do forte de Douaumont. O tiro das baterias foi — segundo os franceses afirmam — de uma precisão e violencia extremas: trincheiras e redes de fio de ferro tudo foi arrasado a ponto tal que os soldados do 129 de linha, quando, pouco antes do meio dia, avançam ao assalto, gastam apenas uns onze minutos para penetrar em tres linhas de trincheiras e apoderar-se delas, fazendo alguns prisioneiros.

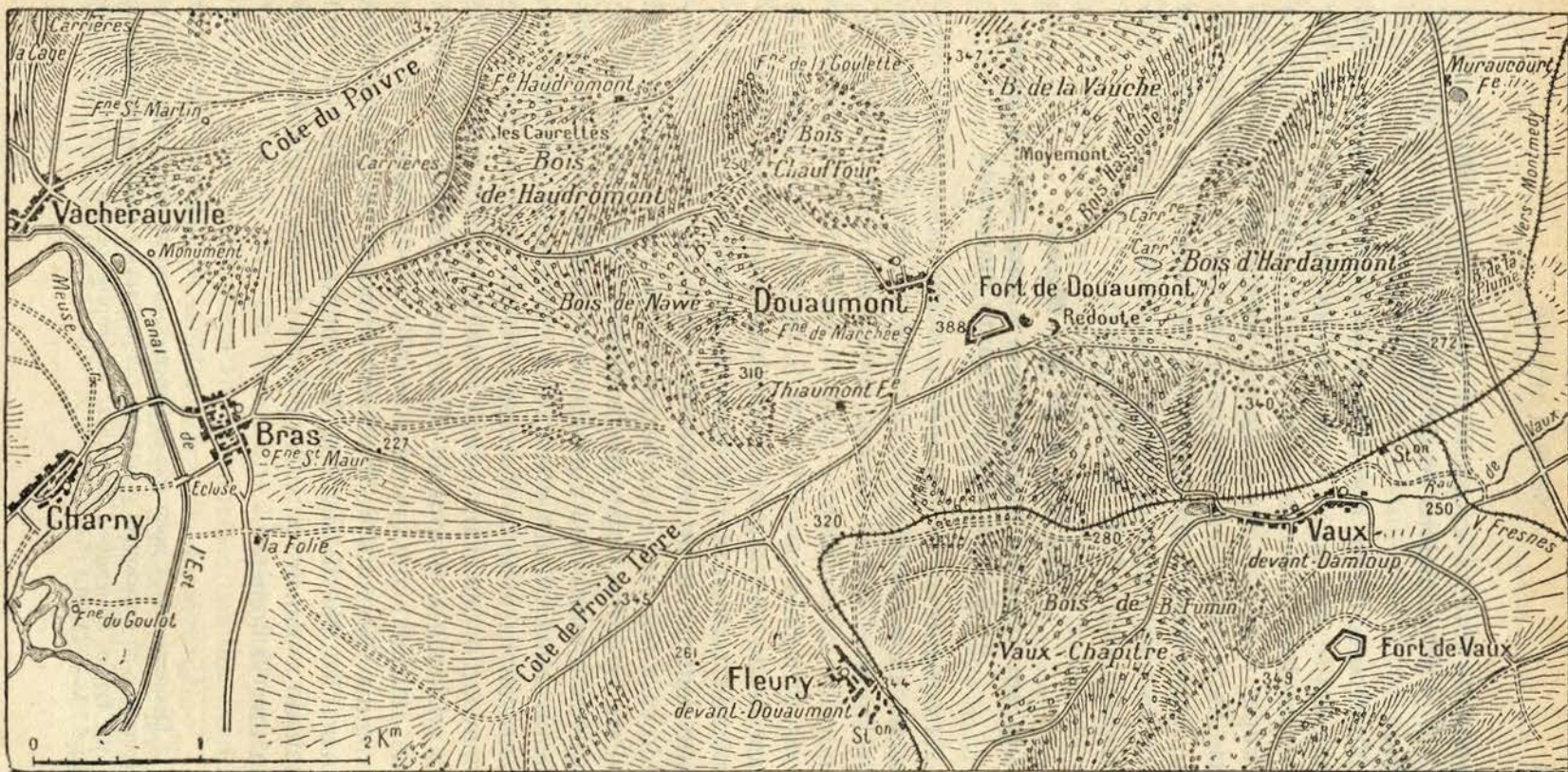
O assalto foi efectuado em 22 sobre uma frente de 2 kilometros pelos regimentos da 5.^a divisão, do comando do general Mangin, abrangendo o forte de Douaumont, cujas ruinas foram tomadas pela 10.^a brigada (regimentos 129 e 36 de linha), á excepção do saliente N. E.

O forte tem a forma geral de um pentagono, com a face da gola não em linha recta mas formando reinterancia ao centro e em angulo muito obtuso. A infantaria penetrou nele pelo lado da gola e junto do saliente S. O.

Não se fez esperar a contra-ofensiva alemã e foi, como era de esperar, de uma violencia extrema, visando parte dos bosques de Haudromont e o forte de Douaumont, cuja tomada pelos franceses deveria ter causado pernicioso efeito moral quer ao alto comando, quer ás tropas alemãs.

Durante a noite de 22/23 desencadeou-se uma verdadeira tormenta de ferro e fogo: os assaltos foram sucessivos e executados por grandes efectivos.

No dia 23 e noite 23/24 a luta continuou, acompanhada de activo canhoneio o qual só se interrompia para a execução dos assaltos. Na manhã de 24 ainda os franceses mantinham



Teatro das operações na margem direita do Mosa

a posse do forte, á excepção do saliente N. E., donde nunca tinham podido desalojar os defensores que nele se haviam refugiado.

No decurso do dia, porém, duas novas divisões bavaras empenhavam-se em acção e conseguiam finalmente reocupar por completo as ruínas do forte de Douaumont, expulsando as tropas francesas que haviam já substituído as da 10.^a brigada. Essas tropas mantiveram-se porém na vizinhança do forte, guarnecendo proximamente os pontos que ocupavam antes do feliz ataque do dia 22, incluindo o bosque da Caillette, proximo e a S. E. de Douaumont.

De 25 a 31 de Maio

Luta em torno de Mort-Homme e cota 304 — A posse de Cumières é vivamente disputada

Na tarde de 26 os franceses tomavam bruscamente a ofensiva, atacando Cumières e as posições alemãs até a altura do Mort-Homme, depois de um bombardeamento prolongado. Conduzido com ordem e vigor, o assalto levou os franceses até ás primeiras casas da orla S. da povoação, cujas ruínas foram desde logo organizadas defensivamente. Apesar da desesperada resistencia dos alemães, os atacantes foram avançando lentamente no interior da desmantelada vila, conquistando casa por casa e apoderando-se de toda a parte oriental.

Para O. outras tropas apoderavam-se das trincheiras a N. de Caurettes e assim toda a posição de Cumières foi quasi envolvida. Os alemães contra-atacaram energicamente, mas sem exito.

Ao cair da noite os franceses estavam senhores de metade da povoação, cercavam a parte restante, tinham feito cerca de 100 prisioneiros e tomado duas metralhadoras. Durante a noite, atacando com granadas de mão, apoderaram-se tambem de alguns elementos de trincheiras inimigas nas proximidades da cota 304. No dia seguinte, 27, continuavam ainda com bom resultado a ofensiva a S. O. de Mort-Homme, onde aprisionaram uns 50 homens¹.

¹ Desnecessario é notar que os franceses, como de resto todos os outros beligerantes, só mencionam o material que tomam ao inimigo e os prisioneiros que fazem, abstendo-se de indicar as proprias perdas em homens e material.

Em 28, ao cair da noite, os alemães dispunham-se por sua vez a atacar Cumières, concentrando-se no bosque de Corbeaux. O fogo da defesa atingindo eficazmente este bosque, impediu a realização do ataque. Pela meia-noite nova tentativa, que igualmente abortou.

Na manhã de 29 os alemães iniciaram um bombardeamento intenso, com peças de grande calibre, bombardeamento que durou até a 1 da tarde. Neste momento desenhou-se novo ataque da infantaria; uma divisão inteira surgiu do bosque de Corbeaux e avançou sobre Cumières e Mort-Homme. Dizimada pelo terrível fogo da defesa, a primeira linha assaltante desfez-se; outras a substituíram, experimentando a mesma sorte. Os atacantes abrigavam-se nas covas produzidas pela explosão das granadas, mas quando se levantavam para caminhar eram ceifados pelas metralhadoras e pela fusilaria. Entretanto e embora á custa de grandes perdas, os alemães apoderaram-se de uns 300 metros de trincheiras. No mesmo dia efectuavam também dois violentos ataques á cota 304, ambos detidos pelo fogo da defesa.

Em 30, ao cair da tarde e depois de um bombardeamento de terrível intensidade, novo assalto foi dado desde as encostas E. do Mort-Homme até Cumières por toda uma divisão, a qual, segundo os franceses asseveram, ainda não fora empenhada em frente de Verdun.

Não foi coroado de grande êxito o ataque, sobretudo nos flancos: a E. do Mort-Homme os assaltantes sofreram perdas enormes; em Cumières os franceses não puderam ser desalojados da orla S. da povoação. Entretanto no centro da linha atacada, no bosque de Caurettes, os elementos franceses mais avançados tiveram de retroceder para S. do caminho de Béthincourt.

A luta proseguiu durante a noite de 30/31 e não foi favorável aos defensores. A trincheira de primeira linha a S. do bosque de Caurettes, arrasada pelo bombardeamento teve de ser evacuada. A orla S. de Cumières, de novo atacada com verdadeiro furor, caíu em poder dos alemães, que tentaram progredir além; a isso obstaram os franceses com um contra-ataque energico que os repeliu para junto da povoação.

Algumas pequenas fracções alemãs, aproveitando o denso nevoeiro que se estendia sobre as margens do Mosa, conseguiram comtudo adeantar-se até cerca de 1.200 metros para S. de

Cumières, na direcção da estação de Chattancourt, mas caíram sob um fogo tão intenso que, segundo os franceses afirmam, foram completamente exterminadas.

Do lado do Mort-Homme os alemães lograram atingir em fim o ponto mais elevado da cumeada, a cota 295, e organizaram fortemente um entrincheiramento sobre a vertente S. O.

No dia 31, porém, os franceses atacaram por sua vez esta obra e com tal impeto que não só a tomaram como fizeram prisioneira toda uma companhia, com 220 homens, entre eles 5 oficiais. A encosta S. E. igualmente atacada, rendeu-lhes mais alguns prisioneiros.

Sobre a margem direita e depois de reconquistado o forte de Douaumont, como já referimos, pelas duas divisões bava-
ras, á custa de graves perdas, sucederam-se alguns dias de relativa tranquilidade.

Na manhã de 26 os franceses executaram um ataque, conseguindo apoderar-se de um elemento das trincheiras inimigas visinhas do forte. Na tarde do mesmo dia, os alemães por sua vez tentaram desalojar os franceses das proximidades de Douaumont (forte) mas debalde efectuaram dois assaltos, ambos repellidos.

Até o fim de Maio ambas as infantarias permaneceram em socego neste sector e apenas o canhoneio se manteve com persistência.

De 1 a 8 de Junho

Margem esquerda do Mosa

No sector da margem esquerda, onde até 31 de Maio a luta fora tão ardente, a actividade dos alemães foi diminuindo, mantendo aliás o bombardeamento da cota 304 e do Mort-Homme.

Os principais ataques foram efectuados pelos franceses. A' tomada da obra situada sobre a encosta S. E. do alto 295 do Mort-Homme, na tarde de 31, responderam os alemães com violento bombardeamento, seguido de um ataque sobre as encostas E., ataque que os defensores repeliram.

Nos primeiros dias de Junho, os franceses conseguiram penetrar, numa extensão de 100 metros, nas trincheiras alemãs a S. do bosque de Caurettes e no dia 4 fizeram malograr um ataque preparado contra as posições da cota 304.

Margem direita do Mosa. — Perda do forte de Vaux

Ao contrario da semana precedente, nesta foi sobre a margem direita do Mosa que se travaram as acções de maior importancia.

Depois de violento bombardeamento que durou todo o dia e noite de 31 de Maio e manhã de 1 de Junho, a parte da linha francesa compreendida entre a granja de Thiaumont e Vaux, passando por Douaumont, foi energicamente atacada. Os assaltos, sem cessar repetidos, foram repelidos, excepto entre o forte de Douaumont e a lagoa de Vaux, isto é no bosque da Caillette, onde os atacantes chegaram a penetrar em varias trincheiras francesas. A acção proseguiu durante a tarde e noite de 1, com um encarnecimento extremo, estendendo-se até á aldeia de Damloup, situada no sopé da encosta oriental da altura de Vaux.

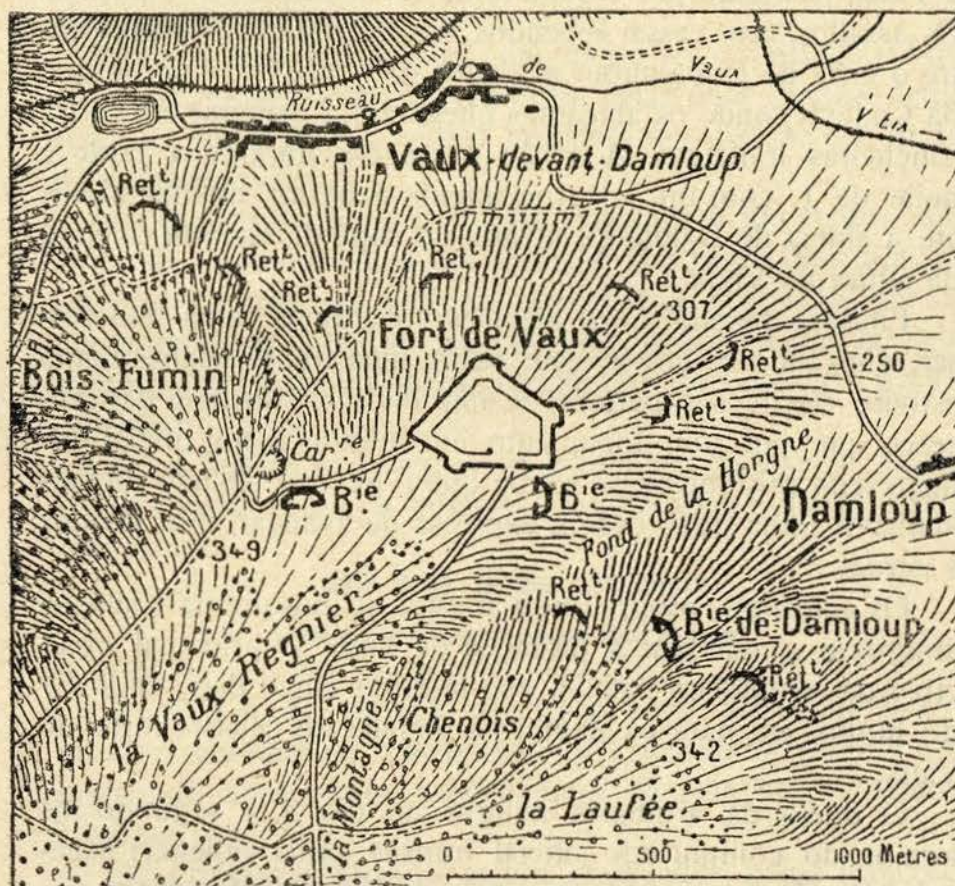
Embora repelidos, os alemães voltaram á carga sem cessar, chegando a desenvolver sobre uma frente relativamente estreita efectivos superiores a uma divisão. Afirmam os franceses que por um documento encontrado a um official inimigo feito prisioneiro, se soube que o general alemão de Falkenhayn tinha dado ordem expressa de avançar, sem atender a perdas.

Os atacantes, progredindo atravez do bosque da Caillette, atingiram a margem S. da lagoa de Vaux. O principal objectivo da verdadeira batallia que ía durar cinco dias, de 2 a 7 de Junho, era para os alemães a tomada do celebre forte de Vaux.

O duelo da artilharia atingiu no dia 2, e segundo os termos do comunicado official francês «uma violencia excepcional». Da parte dos franceses o tiro foi tão eficaz que conseguiu deter todos os ataques no sector Vaux-Damloup; as forças inimigas que queriam progredir a coberto do bombardeamento, foram dizimadas.

Apezar porém das crueis perdas experimentadas, os alemães voltavam á carga, com um ardor sempre crescente; durante todo o dia, as vagas assaltantes sucederam-se sem tregua, sobretudo contra o forte, cujo acesso é dificultado pelas rudes encostas sobre que se eleva. A divisão bavara

incumbida do ataque principal lutou com uma tenacidade e uma violencia inextinguíveis, sem que as numerosas victimas dos canhões e das metralhadoras francesas fizessem diminuir a impetuosidade dos seus ataques. Entretanto algumas fracções alemãs foram por tal forma dizimadas e desordenadas pelas rajadas da artilharia, que tiveram de bater em retirada sobre Dieppe-en-Woëvre. Ao cair da tarde os alemães achavam-se instalados nas primeiras casas da orla N. de Damloup.



Região de Vaux. O forte e as defesas anexas

A noite não fez suspender a acção, que continuou com o mesmo ardor, redobrando os atacantes de esforços para se apoderarem do forte de Vaux. A' custa de terriveis perdas acabaram por penetrar no fosso N; mas não puderam progredir para o interior da obra, que os franceses continuavam energicamente sustentando.

Durante o dia 3 o esgotamento dos combatentes era tal que os alemães antes do cair da noite não tentaram avançar. Pelas 8 horas da tarde e depois de um prolongado bombardeamento, diligenciaram surpreender a guarnição pelo lado de S. E., escalando a ravina que se abre na direcção de Damloup. As forças lançadas ao assalto, densas e de fortes efectivos, chegaram a penetrar nas trincheiras, mas imediatamente um impetuoso contra-ataque reconquistava o terreno perdido e repelia os assaltantes sobre as asperas encostas de Vaux. Na manhã seguinte os alemães voltaram á carga, mas o fogo da artilharia forçou-os mais uma vez a recuar. Recomeçou então o bombardeamento com uma violencia espantosa, sobretudo contra o forte.

A's 3 da tarde do dia 4, numerosos batalhões alemães, partindo de junto da lagoa de Vaux, tentavam avançar sobre o forte, atravez do bosque de Fumin. O tiro das metralhadoras francesas anulou porem todos os esforços do atacante. Durante a tarde e noite, os ataques sucederam-se, cada vez mais impetuosos, desde o bosque de Fumin até Vaux e Damloup. O bosque não pôde porem ser conquistado e os violentos assaltos contra o forte e a aldeia de Damloup continuaram sendo repelidos pelo fogo da defesa.

Ainda durante a noite os alemães recorreram ao emprego dos liquidos inflamaveis e fizeram-nos projectar sobre os bravos defensores do forte. Apesar de cruelmente atingidos, estes mantiveram-se no seu posto e continuaram defendendo a obra.

O mau tempo e o cansaço da luta fizeram diminuir a intensidade da ofensiva no dia 5.

Em 6, a artilharia alemã mantinha sobre o forte uma constante chuva de granadas, impedindo assim que os franceses socorressem a guarnição. Entretanto, no interior do forte, commandado pelo heroico major Raynal, do 96 de infantaria, a resistencia não tinha enfraquecido e varios meios foram improvisados para manter comunicação com as linhas francesas. Novo e poderoso ataque foi ainda repellido ás 8 horas da tarde do dia 6, mas horas depois, em consequencia do violento bombardeamento, cessou toda a comunicação entre o forte e as linhas, comunicação que já não voltou a ser restabelecida.

A pequena guarnição, 1 companhia do 142 de linha, re-

sistiu ainda até ás primeiras horas da madrugada de 7, mas tinha, como o disse o seu bravo comandante na ultima comunicação¹ que conseguiu enviar, atingido o extremo limite da resistencia.



MAJOR RAYNAL

Do regimento n.º 95 de infantaria
Comandante do forte de Vaux

O forte de Vaux — que os alemães falsamente haviam anunciado ter tomado em 9 de março — cairá finalmente em seu poder na madrugada do dia 7 de Junho, com o que restava dos seus heroicos defensores, esgotados de munições, sem agua e sem viveres, ao que se diz.

O valente major Raynal, promovido pelo generalissimo francês a comendador da Legião de Honra, foi autorisado pelo Kronprinz a conservar a sua espada, como homenagem á extraordinaria bravura desenvolvida pela guarnição do seu comando.

O bravo oficial foi internado em Moguncia. P. S.

¹ Essa mensagem parece ter sido a seguinte: "*Nous arrivons aux bornes. Gradés et soldats ont fait tout leur devoir. Vive la France.*"

Problema tático

Serviço de saúde

Ao apresentarmos, nas páginas da *Revista Militar*, a resolução dum problema de tática sanitária, não temos a pretensão de expormos e aplicarmos, no estudo de um unico caso concreto, toda a doutrina do regulamento para o serviço de saúde em campanha.

Cada problema tático tem a sua solução, por vezes complexa e difficilmente, egual ou semelhante á de outro problema.

Mas, se não nos é possível, num unico problema, estudarmos todo o regulamento a que nos referimos, procuraremos, na discussão e preparação da resolução do problema, percorrermos o Regulamento e, principalmente, definirmos um metodo conveniente a seguir-se no estudo de qualquer problema de tática sanitária.

Como as operações, compreendendo uma situação tática ofensiva, são as que permitem mais variedades na aplicação dos recursos sanitarios das unidades e das formações sanitarias, aproveitaremos um tema dessa natureza para o fim que temos em vista com a apresentação deste trabalho.

Neste estudo salientaremos principalmente a missão e trabalhos que competem ao chefe de serviço de saúde duma divisão operando isoladamente.

Para não tornarmos o nosso trabalho fastidioso, dividi-mo-lo em duas partes, expondo primeiramente o que se nos afigura como mais interessante no estudo de preparação duma marcha, e, seguidamente, faremos o desenvolvimento dos pontos mais característicos do serviço de saúde num combate ofensivo.

Tema geral

Forças do partido Norte perseguem de perto o partido Sul, que retira em varias colunas sobre Lisboa.

Tema particular

A 6.^a divisão do partido Norte, partindo de Torres Vedras, combateu no Gradil, indo estacionar nas proximidades de Mafra. Na marcha do dia 19 de abril travou novo combate a sul de Mafra e, proseguindo por Cheleiros, atingiu o planalto de Pero Pinheiro, ao cair da tarde, ficando estacionada como adiante se indica. No dia 20 de abril continuou a perseguição, para o que foi publicada a respectiva ordem.

A 6.^a divisão constituiu no Gradil o H. S. n.º 1 formado pela A. n.º 1 e C. H. n.º 1, que, ás 18 h. do dia 19, comunicou dever estar libertado ás 8 h. do dia 20; e o H. S. n.º 2, em Mafra, formado pela A. n.º 2 e C. H. n.º 2.

A E. T. E. é em Torres Vedras desde as 16 h. do dia 19 e, ás 23 h. desse mesmo dia, ha informação de que a estação da Malveira póde servir de estação anexa a partir das 7 h. do dia 20.

O estado sanitario da região é bom e as aguas são todas aproveitaveis.

Cartas: itineraria n.º 7 e dos arredores de Lisboa n.ºs 13, 19, 25 e 31.

Estacionamento da 6.^a Divisão em 19/20 de abril

Cavalaria de segurança..... Mercedes.

Guarda avançada

Dois pelotões de cavalaria.....	Carregueira.	
3.º Regimento de infantaria.....		
1. ^a Bateria de metralhadoras.....	}	
3.º Grupo de artilharia.....		Sabugo.
6. ^a Companhia de S. M.....		
Dois pelotões de cavalaria.....	}	
III/2.º de infantaria.....		Granja do Marquez.

Grosso

1.º Regimento de infantaria.....	Morlenas.	
4.º » » »		
2. ^a Bateria de metralhadoras.....	}	
Telegrafistas.....		Pero Pinheiro.
Quartel General da Divisão.....		
Ambulancia n.º 3.....		
Coluna para transporte n.º 2.....		

2.º Regimento de infantaria.....	S. da Fação.
I e II grupos d'artilharia.....	} Montelavar.
Ambulancia n.º 4.....	
Coluna para transporte n.º 1.....	} Cheleiros.
Ambulancia n.º 5.....	
Coluna de hospitalisação n.º 3.....	
Secção de higiene e bacteriologia.....	
1.º Escalão de coluna de munições.....	

Partido Norte

6.ª Divisão

1.ª Repartição n.º...

Pero Pinheiro, 19-4.º-916.

às 21 h.

Ordem para a marcha

para 20

Distribuição das tropas :

Cavalaria de segurança :

O regimento menos um esquadrão.

Guarda avançada :

Comandante, coronel do 3.º regimento.

1 esquadrão menos 2 pelotões.

3.º regimento de infantaria.

1.ª bateria de metralhadoras.

III Grupo de artilharia
Companhia de sapadores.

Destacamento sanitario.

Grosso :

I/1.º regimento.

II e III grupos de artilharia.

I— **Situação**— As forças do partido Norte continuam a perseguição das forças do partido Sul em retirada sobre Lisboa.

II— **Fim**— Proseguir na avanço para o Sul, procurando alcançar o inimigo para o combater.

III— **Disposições :**

a) *Cavalaria de segurança :* Inicia a marcha às 5 h. e 20 m.....

b) *Guarda avançada :* Testa do grosso parte do Sabugo às 5 h. 30 m.....

c) *Itinerario :* Sabugo-Belas-Queluz.

d) *Zona de marcha :*

e) *Ponto inicial :* Morlenas.

f) *Horas de passagem.*

Testa do grosso da coluna às 6 h. 11 m.

Artilharia às 6 h. 17 m.

Metralhadoras às 6 h. 45 m.

II e III/1.º regimento 6 h. 48.

2.º Regimento 6 h. 59 m.

4.º » 7 h. 10 m.

Telegrafistas 7 h. 26 m.

Trem de combate 7 h. 30 m.

Guarda da retaguarda 8 h.

g) *Primeiro pequeno alto :* às 7 h.

Proteção do flanco direito : Seguirá por Coutinho Afonso—Casal da Barrosa-Meleças-Idenha-Olival, partindo às 5 h. 30m.

2.^a bateria de metralhadoras.

II e III/1.^o regimentos.

2.^o regimento menos um batalhão.

4.^o regimento menos uma companhia.

Secções de telegrafistas.

Formações sanitarias.

1.^o escalão de coluna de munições.

Guarda da retaguarda :

1 companhia do 4.^o regimento.

Guarda de flanco :

Comandante major X.

2 pelotões de cavalaria, um batalhão do 2.^o regimento.

i) *Ligações*.....

j) *Trens regimentais* : Concentrados na Igreja-Nova prontos a marchar.

k) *Alimentação* : Pelas rações normais.

l) *Serviço de saude* :.....

IV *Local do comando* : Na testa da guarda avançada.

General

F...

Transmitida por escrito aos comandantes das unidades e chefes de serviço.

Os trabalhos que devem ser produzidos em campanha por o chefe do serviço de saude divisionario fundamentam-se, principalmente, nas ordens do comando, nas situações tática e sanitaria das forças da divisão e nas informações recolhidas pelos reconhecimentos e outras. Com estes elementos o chefe do serviço de saude divisionario, procurando sempre corresponder ás intenções do comando de modo a evitar a mais insignificante complicação e reduzindo tambem ao minimo o tempo necessário para a preparação criteriosa dos serviços a que preside, estuda sobre a carta a solução mais adequada aos problemas que se lhe apresentam.

Quasi todos os assuntos de campanha, que requerem a intervenção do chefe do serviço de saude, se resolvem sobre a carta, e daí, a importancia da pratica de resolução de casos concretos sobre a carta topografica em diversas escalas.

Mas, para que estes estudos resultem vantajosos, não basta pratica constante na sua resolução, é indispensavel mais ainda, adquirir-se metodo pelo qual rapidamente se encontre a me-

lhor solução com economia de tempo, base essencial e primeira em todos os trabalhos militares.

O caminho a seguir-se deve partir da análise da situação tática inicial para a apreciação da situação tática que o comando pretende atingir. Apreciados estes pontos como essenciais, recorrer-se-ha ás informações colhidas, procurando-se assim estar em condições de bem satisfazer ás imposições que o comando determine logo que uma nova situação tática se revela.

Vejam, pois, a situação tática inicial. Segundo o tema, a divisão teve um combate antes de atingir Mafra e outros depois de ultrapassar esta localidade, seguindo daí pela estrada Igreja-Nova — Cheleiros — Pero Pinheiro — Sabugo para estacionar o grosso da coluna desde Morlenas a Cheleiros, onde se encontram os últimos estacionamentos.

A sul da linha Granja do Marquez-Sabugo estão estabelecidas as tropas do serviço de segurança: um batalhão com dois pelotões de cavalaria guardam as estradas Granja do Marquez, Sintra e Granja do Marquez-Mercês; o 3.º regimento de infantaria, com uma bateria de metralhadoras e um grupo de artilharia e dois pelotões de cavalaria, guarda as posições a sul dos estacionamentos, conservando-se o grosso dessas forças no Sabugo e a cavalaria no casal da Carregueira.

A cavalaria de segurança tem o grosso em Mercês.

A divisão adquiriu esta situação ao cair da tarde de 19 de abril. É importante esta referencia do tema. E, tanto mais, se a conjugarmos com os factos apontados pelo tema e acontecidos antes da coluna atingir o estacionamento. Assim, provavelmente em dias consecutivos, a divisão combateu nas proximidades do Gradil e de Mafra e estes combates ocasionaram tantas baixas que se tornou necessario constituir um H. S no Gradil e outro em Mafra. Se tudo leva a concluir que os combates se deram em dias seguidos, é positivo, segundo os dados do tema, que, depois do combate travado proximo de Mafra, a divisão, não lhe convindo dar espaço ao adversario, proseguiu para o sul, no mesmo dia em que se deu este ultimo combate, motivo por que só atingiu o estacionamento ao cair da tarde.

Isto é, o combate nas proximidades de Mafra e a marcha para o planalto de Pero Pinheiro, realisaram-se no mesmo dia.

Esta circunstancia tem muita importancia no nosso estudo para a analise da situação sanitaria das forças da divisão.

Com efeito, dado o combate de Mafra, as forças poseram-se em marcha para o sul. Os feridos ligeiros acompanharam a coluna, as unidades desta tiveram que suportar um dia de violentos esforços; a chegada aos estacionamentos fez-se ao cair da tarde no mez d'abril, periodo de transição de estações do ano; a coluna seguia em perseguição da oposta, e, por todas estas circunstancias, é de calcular que, embora se tivesse estabelecido *estação de socorros* de modo a aliviar as unidades antes da sua entrada nos estacionamentos, circunstancia que é possível não se ter realizado nas condições em que se effectuou a marcha, a situação sanitaria da coluna em 19/20 de abril deve ser bastante complexa para abranger a atenção do chefe de serviço de saude divisionario.

O comando impoz á coluna, mesmo no dia 19, uma nova marcha para o sul, continuando a perseguição na manhã do dia 20.

O chefe do serviço de saude, ponderando todas as considerações que deixamos expostas, tem deante de si dois problemas a resolver. O primeiro, libertar a coluna de todos os doentes e feridos, estudando para isso as prescrições a estabelecer para a sua reunião, revisão e curativo e, por ultimo, a sua evacuação. O segundo, propor a distribuição dos diversos elementos sanitarios de que a coluna dispõe, de modo que satisfaçam o melhor possível á ordem que o comando vai fazer publicar.

Se admitirmos que a coluna tinha, ao cair da tarde do dia 19, uma estação de socorros estabelecida a norte de Pero Pinheiro, isto é, antes da entrada na zona de estacionamento das forças do grosso da coluna, e que com esta determinação se conseguiu suprimir ás unidades todos os homens que, pelo seu estado de saude, não deviam continuar permanecendo junto delas, somos levados a estabelecer que, no começo da marcha do dia 20, apenas ha a atender a pequeno numero de doentes que se tenham manifestado durante a noite 19/20 e os feridos provenientes das lutas continuas que se devem travar entre as cavalarias que estão em contacto.

Esta hipotese é a mais racional dentro da situação tactica da divisão e da intenção do comando de perseguir insistentemente a coluna oposta.

Sendo assim, o chefe do serviço de saúde propõe que se estabeleça uma estação de socorros, e o local que julga mais apropriado para esse fim é o escolhido pelo comando para ponto inicial da marcha, por aí terem de passar todas as unidades e formações do grosso da coluna.

E' certo que por este ponto não passam as forças empregadas na noite 19/20 no serviço de segurança a sul da Granja do Marquês e as das posições do Sabugo, não tendo mesmo estas ultimas aproveitado no dia 19 da vantagem da instalação da estação de socorros a norte de Pero Pinheiro, circunstancias estas que deveriam ter sido ponderadas e resolvidas pelo chefe do serviço de saúde quando foi dada a ordem de estacionamento, situação que não é compreendida no problema que estamos estudando. Seria também interessante apresentar as considerações relativas ao reabastecimento de material sanitario, que não desenvolvemos por não terem cabimento dentro do tema. A resolução do problema compreende, porém, as prescrições que o chefe do serviço de saúde tem de estabelecer para a reunião e evacuação dos doentes das forças em serviço de segurança antes de se iniciar a marcha.

Para este fim, o chefe do serviço de saúde propõe que os doentes e feridos dessas forças sejam reunidos respectivamente no Sabugo e na Granja do Marquês a hora conveniente, e que nesses locais se encontrem á hora prescrita viaturas para transporte, para conduzir os doentes á estação de socorros. E propõe este serviço ao comando, não se limitando a dar ordens por si, por isso que essas prescrições tem de ser executadas pelas unidades em serviço de segurança que só recebem ordens do comando, e, ainda, por ocasionarem movimentos de viaturas pelas estradas por onde tem de se deslocar as forças.

Como principio, sempre que o chefe do serviço de saúde julga necessaria a execução de trabalhos para a qual é indispensavel fazer-se qualquer comunicação ás tropas, tem para esse fim de apresentar as suas propostas ao chefe do estado maior da coluna, procedendo da mesma maneira quando tenha por conveniente deslocar ou aplicar qualquer formação sanitaria que lhe é directamente subordinada dum local que o comando tenha fixado.

Consideradas aprovadas as propostas para o estabeleci-

mento da estação de socorros e concentração dos doentes das forças empregadas no serviço de segurança, o chefe do serviço de saúde tem agora que calcular, em função das informações que tenha recolhido, o numero de viaturas a empregar para o transporte e o pessoal e material necessario para a estação de socorros.

Seguidamente, tem de pensar na evacuação dos homens recebidos pela estação de socorros. O tema diz-lhe que até ás 5^h e 30^m do dia 20, hora a que o grosso da guarda avançada parte do Sabugo, a linha ferrea não pode ainda ser utilizada. A E. T. E. é já a essa hora em Torres Vedras e a unica estrada que tem aproveitavel para a evacuação é que de Pero Pinheiro vae por Mafra a Torres Vedras.

Sendo absolutamente indispensavel afastar da zona dos estacionamento os inaproveitaveis, é necessario evacual-os rapidamente, evitando-se tanto quanto possivel empregar n'esse serviço as viaturas das formações, agora, sobretudo, que a divisão vai marchar para combater. Pode o chefe do serviço de saúde lançar mão dos recursos locais, mas quando isso se dê, apresentará, na maioria dos casos, a sua proposta ao chefe do estado maior; e, isso é necessario, para que cada chefe de serviço e, por sua vez, até as unidades, não requisitem viaturas e outros recursos com prejuizo da ordem e metodo que deve haver nas requisições, sem o que se dão desigualdades e se podem prejudicar os serviços a que a necessidade de momento manda atender em primeiro logar.

No caso do problema que estudamos, os recursos locais nada ou quasi nada poderão fornecer, embora a região deva ser regularmente abastecida de viaturas, visto o grande numero de pedreiras em exploração que a carta indica; porque como o terreno foi já percorrido pelas forças do partido Sul, é de prever que essas viaturas ou pelo menos os animais de tracção tenham sido levados da região.

Não considerando provavel o emprego da requisição e, por outro lado, não sendo conveniente, nas condições do tema, a utilização das viaturas das colunas para transporte, vejamos como se deverá proceder.

O chefe do serviço de saúde dispõe da secção de higiene e bacteriologia, da qual não tem necessidade imediata e poderá aproveitar as suas viaturas especiais empregando-as no

serviço de evacuação, mas se poder realizar esse serviço sem utilizar essas viaturas melhor será.

Vejamos se encontra outra solução. Desde que a divisão avançou de Torres Vedras, deveria ter já estabelecido o serviço de evacuação de doentes e feridos e, todo o material e pessoal foi naturalmente empregado no serviço de evacuação entre Mafra, Gradil e Torres Vedras. O chefe do serviço tem já noticia de que na manhã de 20 o H. S. n.º 1 deve ficar libertado e, portanto, que não será de grande intensidade o serviço de evacuação, pelo menos a partir do local daquele hospital; e, como é mais importante afastar de junto das tropas os doentes e feridos, do que cuidar de melhorar as condições de hospitalisação dos doentes já hospitalizados á retaguarda, o chefe do serviço resolve utilizar-se de todo o pessoal e material necessario, já empregado no serviço de evacuação, e fazel-o avançar para junto das forças para a evacuação dos doentes e feridos que sejam concentrados na estação de socorros. Assente este ponto, resta fixar o local para onde devem ser transportados os doentes e feridos.

Da zona dos estacionamento a Torres Vedras são aproximadamente 42 quil. o que representa uma distancia consideravel para ser percorrida pelas viaturas que terão primeiramente de avançar até Merlenas para depois retirarem para Torres Vedras. Mas estando Mafra a 15 quil., aproximadamente, e havendo nesta localidade um enorme edificio, encontrando-se aí tambem o H. S. n.º 2 poderão os doentes e feridos ser evacuados para Mafra, donde sairão para a retaguarda a cuidado do serviço de etapes logo que este serviço avance para sul de Torres Vedras.

Tambem podiamos entrar em linha de conta com o aproveitamento da coluna de automoveis para transporte de feridos que o serviço de étapes deveria ter organizado e utilisal-a para o serviço de evacuação.

Todas estas considerações resultaram da circunstancia do tema estabelecer que a E. T. E. só se estabelecia em Torres Vedras na noite de 19/20 e que o serviço de caminhos de ferro não ultrapassava essa estação na manhã de 20, obrigando assim a fazer-se a evacuação pela estrada ordinaria.

Passados assim em revista os assuntos essenciais para as propostas a apresentar ao chefe do estado maior relativas á

preparação da marcha da coluna sob o ponto de vista da sua preparação sanitaria, vejamos agora o que ha a fazer sobre a distribuição mais conveniente das formações sanitarias na coluna de marcha.

O tema dá-nos a ambulancia n.º 3 e a coluna para transporte n.º 2 estacionadas em Pero Pinheiro, as ambulancias n.º 4 e a coluna para transporte n.º 1 estacionadas em Montelavar; a A. n.º 5, a coluna de hospitalização n.º 3 e a secção de hygiene e bacteriologia estacionadas em Cheleiros; e as restantes formações immobilizadas em Mafra e Gradil. É para notar que pela situação das formações não se encontra nenhuma atribuida ás forças em serviço de segurança durante o estacionamento, este facto será assunto a desenvolvermos num problema sobre estacionamento.

O chefe do serviço de saude tem de distribuir as formações pela coluna de marcha e atender mais especialmente á parte desta designada coluna de combate, isto é, ás forças que vão da guarda avançada á guarda da retaguarda, tendo sempre em vista que é altamente nocivo á coluna de combate qualquer viatura que lhe não seja absolutamente necessaria, principalmente no escalão denominado guarda avançada.

A guarda avançada é, pelo tema, constituída por: dois pelotões de cavalaria, uma companhia de sapadores mineiros, um regimento d'infantaria, uma bateria de metralhadoras e um grupo de tres baterias d'artilharia. Se podessemos attribuir a essas unidades os efetivos de mobilização nesta altura das operações que a divisão tem realisado, este escalão da coluna contaria 4.100 homens, efetivo, sem duvida, importante para exigir um reforçamento de serviço sanitario aos elementos sanitarios de que dispõe cada unidade. Mas deve atender-se á fórma especial de atuar da guarda avançada, a que o seu combate é de natureza a não permitir ao serviço de saude uma instalação com caracter de fixidez e, ainda, a que o grosso da coluna seguindo esse escalão, facilmente o póde reforçar com pessoal e material sanitario do que faz parte do trem de combate.

Como o tema precisa que a marcha a executar pela divisão tem em vista um combate que se dará a curta distancia, razão mais que sufficiente para não dar á guarda avançada nem uma unica viatura a mais do que as que lhe são necessarias,

o chefe do serviço de saúde resolve propor que um destacamento sanitario, formado por algumas viaturas da ambulância n.º 4 e da coluna para transporte n.º 1, estacionadas em Montelavar, juntamente com as viaturas sanitarias da cavalaria, seja mandado para a guarda avançada, indo as restantes viaturas dessas formações no trem de combate.

As restantes formações, excepto a coluna de hospitalização n.º 3 e a secção de higiene e bacteriologia, irão também para o trem de combate. A coluna de hospitalização poderia fazer parte do trem de combate da divisão, mas, como é bom principio eliminar da coluna de combate tudo quanto não lhe é imediatamente necessario, preferimos fazel-a marchar depois da guarda da retaguarda e a distancia tal que facilmente atinja o campo de combate a tempo de se estabelecer no momento preciso.

O chefe do serviço de saúde da divisão tem assim estudado os assuntos das suas propostas a apresentar ao chefe do estado maior para serem inseridas nas ordens do comando, se forem aprovadas, e calculado as disposições necessarias a fazer transmitir ás formações. Deve notar-se que ha propostas que antecedem as ordens e outras que as seguem. Se o comandante entende, que deve ouvir primeiramente os chefes de serviço transmitindo-lhes as suas intenções, estes estudam o problema que se lhes apresenta e elaboram as propostas com as quais julgam facilitar a acção do comando. Mas, se as ordens, por qualquer razão, se publicam sem essa consulta previa, os chefes de serviço devem, por sua iniciativa, apresentar as propostas para a execução dos seus respectivos serviços de modo que tornem facilmente realisaveis as determinações do comando e o funcionamento dos seus serviços.

Posto isto, passemos a redigir as propostas para a preparação da marcha.

Partido Norte
6.^a Divisão
Repartição de saúde
N.º . . .

Pero Pinheiro 19-IV-906
às 20 h. 15 m.

Propostas para a marcha

para 20

- 1.^a — Que se estabeleça uma estação de socorros em Morlenas;
- 2.^a — Que os doentes e feridos das forças em serviço de segurança, sejam mandados reunir no Sabugo e na Granja do Marquês, ás . . . para serem conduzidos á estação de socorros pelos transportes da divisão;
- 3.^a — Que a evacuação se faça para a vila de Mafra;
- 4.^a — Que possa mandar avançar para Morlenas viaturas empregadas no serviço da evacuação;
- 5.^a — Que para a guarda avançada sejam mandadas a A. n.º 3 e algumas viaturas C. T. F. n.º 2 e as viaturas sanitarias da cavalaria;
- 6.^a — Que sejam incluídas no T. C. as A. n.ºs 4 e 5 e as C. T. F. n.ºs 1 e 2;
- 7.^a — Que a C. H. n.º 3 a S. H. B. seguindo a guarda da retaguarda a 8 quil. sejam mandadas avançar até Sabugo, aguardando ali ordens;
- 8.^a — Que as formações do H. S. n.º 1 logo que sejam libertadas avancem para a Igreja Nova onde aguardam ordens.

F. . .

major medico

Depois de aprovadas as propostas, o chefe do serviço de saúde, auxiliado pelo pessoal da sua repartição, passa a produzir a correspondencia necessaria para a execução da marcha.

O seu primeiro cuidado deve ser o de elaborar a ordem de marcha. Esta pode ser uma, ordem unica, com a vantagem de reunir em si todas as determinações a transmitir ao serviço de saúde, podendo assim todos os chefes de formações intei-

rar-se não só da missão que cabe a cada um deles, como ajuizar das relações de serviço a manter com as restantes formações, ou fazer-se uma série de ordens especiais, uma para cada formação, forma de proceder que perde a vantagem que indicamos e ocasiona bastante fadiga e emprego de maior numero de agentes de transmissão. Casos ha, porém, em que não temos outro remedio senão lançar mão deste ultimo meio, principalmente quando uma formação se encontra a grande distancia, circunstancia que se dá no problema com o H. S. n.º 1, ou quando a ordem só interesse a uma determinada formação ou grupo de formações e, ainda, quando as formações estão muito distantes das forças de operações, pois que, pela inconveniencia de transmitir informações sobre a situação ha necessidade de redigir ordens especiais muito reduzidas.

E já que falamos em grupo de formações, convém lembrar que é sempre vantajoso constituir-os, não só para bem da disciplina, ordem e facilidade de alimentação e reabastecimento, mas ainda porque, com os grupos, e este no menor numero possivel, se eliminam intermediarios provindo daí certa redução de trabalho e economia de tempo na expedição das ordens.

Pelos dados do tema, as formações da divisão constituem cinco grupos, estacionados em: Pero Pinheiro, Montelavar, Cheleiros, Mafra e Gradil. Os dois primeiros poderiam ter formado um só grupo, eliminando-se um intermediario. São cinco os chefes de grupo a que o chefe do serviço de saude tem de dirigir as suas ordens. Como já indicámos, a ordem não póde ser unica e, portanto, comum a todos os grupos. Vamos apresental-as pela sua ordem cronologica.

Partido Norte

Pero Pinheiro 19-IV-916

6.ª Divisão

às 21 h. 20 m.

Repartição de Saude

N.º...

Ordem de marcha

para 20

I. Situação. — A coluna inimiga retirou sobre Lisboa. A Divisão vae proseguir na marcha para alcançar a coluna inimiga e combatel-a.

II. **Fim.** — Libertar as unidades dos doentes e feridos e fazer parte da coluna de combate.

III. **Disposições.** — a) *Estação de socorros*, em Morlenas;

b) *Serviço de segurança*. Serão mandadas 5 viaturas do C. T. n.º 1 ao Sabugo e 2 á Granja do Marquês para receberem os doentes e feridos das forças em serviço de segurança, onde se encontrarão ás 5 h. 15 m., para os conduzirem á estação de socorros, recolhendo imediatamente á sua formação;

c) *Destacamento da guarda avançada*. — Dirigido pelo Chefe da A. n.º 3 e constituído pelo pessoal, carros de material e carros sanitarios da Ambulancia n.º 3, viaturas sanitarias de Cavalaria e 6 viaturas para transporte da C. n.º 2. Deve estar no Sabugo ás 6^h; comanda a guarda avançada o coronel de infantaria 4.

d) *Trem de combate*. — Dirigidas pelo chefe da ambulancia n.º 5. Viaturas da ambulancia n.º 3 e da C. T. n.º 2, as ambulancias n.º 4 e 5, e C. T. F. n.º 1;

e) *Coluna de Hospitalização n.º 3 e secção de hygiene e bacteriologia*. — Seguem depois da guarda da retaguarda e de-tem-se no Sabugo até nova ordem;

f) *Itinerario*. — Sabugo-Belas-Queluz;

g) *Ponto inicial*. — Morlenas;

h) *Horas de passagem*. — Trem de combate ás... C. H. n.º 3 ás...

i) *Primeiro pequeno alto*. — ... ás 7^h.

j) *Trens regimentais*. — Concentram-se na Igreja Nova.

k) *Alimentação*. — Pelas rações normais.

IV. **Local do Comando.** — Na testa do grosso da guarda avançada.

Transmitida por escrito aos chefes de grupo em Cheleiros por ciclistas e entregue aos medicos de serviço dos grupos em P. Pinheiro e Montelavar.

F...

Major-medico.

Redigida a ordem de marcha, o chefe do serviço de saúde divisionário elabora as instruções julgadas indispensáveis para a boa execução dos serviços determinados na ordem e que não são n'ela exaradas para não a tornarem muito extensa e confusa.

Partido Norte

6.^a Divisão

Repartição de Saúde

N.º...

Pero Pinheiro, 19-4-916,

às 21^h,25^m

Instruções ao chefe da ambulancia n.º 4

1.^a Constitua a estação de socorros com 1 medico, 4 enfermeiros e 8 serventes e um carro de pensos;

2.^a Nomeie já o pessoal, devendo o medico proceder imediatamente aos reconhecimentos necessarios, evitando que o local da instalação seja visto da estrada de marcha;

3.^a A instalação estará ultimada às 5^h,45^m do dia 20;

4.^a A evacuação far-se-ha para a vila de Mafra, sendo os doentes e feridos ali entregues ao H. S. n.º 2. O transporte para Mafra far-se-ha por meio de viaturas que deverão estar em Morlenas, vindas de Mafra, às 5^h;

5.^a As viaturas de Coluna para transporte n.º 1 encarregada de concentrar os doentes e feridos na estação de socorros, reúnem á sua formação logo que ultimem esse serviço;

6.^a O pessoal e material da estação recolhem imediatamente á formação, seguindo pela estrada de marcha, logo que ultime o serviço.

F...

Major-medico.

Partido Norte

6.^a Divisão

Repartição de Saúde

N.º...

Pero Pinheiro, 19-4-916,

às 21^h30^m

Instruções ao medico adjunto

1.^a Reconheça a estação do Sabugo sob o ponto de vista do seu aproveitamento para estação de embarque de feridos;

2.^a Reconheça as povoações proximo da estação de Sabugo e estude o aproveitamento dos recursos locais utilizaveis para hospitalisação e para auxiliar a comodidade de transporte de feridos em caminho de ferro;

3.^a Marche para este serviço ás 4^h,30^m de 20.

F...

Major-medico.

Partido Norte

6.^a Divisão

Repartição de Saude

N.º...

Pero Pinheiro, 19-4-916,

ás 21^h,35^m

Telegrama ao chefe do H. S. n.º 1

Logo que levante o hospital marche por Mafra-Igreja Nova sobre Cheleiros, onde aguardará ordens.

F...

Major-medico.

Alem deste telegrama manda expedir mais o seguinte:

Partido Norte

6.^a Divisão

Repartição de Saude

N.º...

Pero Pinheiro, 19-4-916,

ás 21^h,40^m.

Telegrama ao chefe do H. S. n.º 2

Mande avançar por Igreja Nova-Cheleiros 15 viaturas para transporte feridos que devem estar Morlenas ás 5^h,15^m do dia 20 para evacuação para Mafra.

F...

Major-medico.

Ultimadas assim as determinações mais importantes para a preparação da marcha que o Chefe do serviço de saude

divisionaria tinha de transmitir aos chefes das formações, vejâmos quais os trabalhos que lhe restam elaborar para satisfazer ás indicações do têma.

Por este sabe, que ás 23^h do dia 19 é comunicado ao Quartel General pelo serviço de étapes, que a estação da Malveira pode servir de estação anexa a partir das 7^h do dia 20. E, tendo em atenção que do aproveitamento desta informação devem resultar consideraveis vantagens para o serviço apressa-se em apresentar ao chefe do estado maior, afim de por este ser devidamente apreciada, a seguinte proposta, tendo préviamente calculado a hora em que podem estar na Malveira os doentes e feridos para embarcarem.

Partido Norte	Pero Pinheiro, 19-4-916,
6. ^a Divisão	ás 23 ^h ,10 ^m .
Repartição de Saude	
N.º...	

Proposta para a evacuação para 20

Que a estação da Malveira sirva para embarque de doentes e feridos, podendo fazer-se o embarque ás 13 horas do dia 20.

F.
Major-medico.

Considerando-se aprovada esta proposta, o chefe do serviço de saude faz expedir immediatamente as seguintes determinações aos chefes que teem de intervir no dia 20, no serviço de evacuação de doentes e feridos.

Partido Norte	Pero Pinheiro, 19-4-916,
6. ^a Divisão	ás 23 ^h ,15 ^m .
Repartição de Saude	
N.º...	

Telegrama ao chefe do H. S. n.º 2

A evacuação passa a fazer-se em 20 pela estação anexa Malveira. Comboio ás 13 horas.

F.
Major-medico.

A GUERRA EUROPEIA

OS EXERCITOS BÉLIGERANTES

Alemanha

Desencadeando a guerra em 1914, a politica alemã tinha a perfeita consciencia da sua grave resolução, julgando o momento oportuno para entrar em acção. Nunca nação alguma se preparou melhor para a guerra, mesmo pelo seu genio methodico e organisador; não para a guerra defensiva, que salvaguarda a independencia nacional e os justos direitos do Estado, mas para a guerra ofensiva, para a guerra de conquista.

E contra os adversarios que ella queria abater, a França e a Russia primeiramente, e depois a Inglaterra, a Alemanha estava perfeitamente convencida da sua triplice superioridade, em terra e no mar: a superioridade do numero bem organizado, a superioridade do material de destruição e a superioridade do comando e da doutrina da guerra.

No decurso destes ultimos anos exigiu da sua população crescente o esforço militar maximo. Aumentando progressivamente o seu exercito activo em pé de paz, elevou-o a cerca de 900.000 homens e juntando-lhe, para a mobilisação, as classes mais novas de reserva, formou um exercito de choque incomparavel. Em estreita ligação com este exercito de soldados novos, tinha organizado um outro das reservas, equivalente numericamente com o fim de duplicar a primeira linha e dar a esta grande massa uma força irresistivel.

A sciencia alemã juntou ao valor humano, o material mais aperfeiçoado e mais completo, nada desprezando de tudo o que pode aumentar as probabilidades de uma victoria fulminante e decisiva.

Todas as forças de destruição foram exploradas a fundo: artilharia pesada, tração automovel, metralhadoras, aeroplanos,

zepelins colossais, submarinos de alto mar; e toda a industria e toda a quimica alemãs mobilizadas concorreram, com igual paroxismo, para a grande obra sanguinolenta.

Emfim, a Alemanha orgulhava-se do seu grande estado maior imperial, que realisava a unidade de doutrina e de comando, impondo aos seus aliados os metodos de guerra e a sua superioridade incontestada, temido pelos adversarios futuros, arbitro para escolher a hora em que deveriam desenvolver-se os seus vastos e sombrios planos.

Ora as grandes esperanças inspiradas por tantas vantagens acumuladas, por essa Força, que se julgava invencivel e segura de vencer, desvaneceram-se, depois de um mez de guerra, perante a resistencia da pequena Belgica, que não quiz deshonrar-se; perante a surpresa da intervenção da grande potencia maritima, com cuja abstenção se contava; e perante a força moral de uma nação, que nas margens, de um rio, desde então tornado celebre, descarregou no orgulho alemão um golpe, de que ainda não conseguiu levantar-se.

De todas estas vantagens que a Alemanha se attribuia, a unica real e verdadeira, incontestavelmente, no actual momento, é a dos efectivos organizados para o combate. A substituição dos inutilizados esgota pouco a pouco as reservas, primeiramente em numero e depois em qualidade, chegando uma ocasião em que o valor humano fraqueja e então a victoria pertencerá ao adversario, que, graças ás suas reservas numericas e morais, puder resistir por maior espaço de tempo.

É sob este ponto de vista, que vamos tentar fixar a situação da Alemanha.

Os efectivos mobilizados

Em artigos de jornais e de revistas tem-se procurado avaliar, repetidas vezes, os efectivos globais das forças de que dispunham os beligerantes no começo da guerra, mas como se trata de milhões de homens, é natural que tenham sido cometidos grandes erros nos calculos e nos numeros.

Para a Alemanha essas avaliações tem oscilado entre 8 a 13 milhões de homens disponiveis, cometendo-se frequentemente o erro de fazer os respectivos calculos, tomando para

base os 65 milhões de habitantes que em 1914 possuía aquele país. A verdade porém, é que a ultima classe chamada, 1916, remonta pelo nascimento ás estatísticas de 1896, que accusavam uma população de 53 milhões de habitantes. Adoptando, pois, o numero de 9 milhões de homens, parece-nos, que se aprecia sem exagero nem depreciação, a força numerica da mobilisação alemã.

A mesma proporção, aplicada á França, daria certamente mais de 6 milhões de homens, porque em 1896 a sua população era de 38 milhões, isto é, quasi igual á de 1914. E é facil de ver quanto o acrescimo regular da população alemã teria feito pender o prato da balança das forças: a população de 1914 poderia fornecer em 1934 mais de 11 milhões; mostrando-nos esta simples nota quanto é urgente abater o militarismo alemão para evitar que quando as suas forças numericas estiverem restabelecidas, ele volte a tentar a obra de predominio e dominação, malograda agora.

É conveniente, porém, não nos deixarmos cegar com as scintilações dos efectivos colossais. Não ha duvida que o numero de combatentes é um factor deveras importante na guerra, mas tambem não é menos certo que as qualidades guerreiras desses combatentes é que decidem da victoria. Ora é sabido que em todos os exercitos o valor dos seus soldados diminue com a idade. Os soldados novos constituem as forças de choque, com o exercito activo e as suas reservas imediatas, depois o grosso dos reservistas, dos 27 aos 35 anos de idade, serve de reforço ás primeiras linhas já experimentadas; emfim as classes antigas constituem uma especie de levantamento em massa, cuja missão é mais defender o territorio nacional, ou ocupar e guardar os territorios inimigos conquistados á rectaguarda da frente de batalha, acabando finalmente estes elementos, de qualidade diferente, por se confundirem numa tragica mistura. Mas chega um momento, quando a luta se prolonga e os sacrificios se agravam, em que os novos, os primeiros, os mais expostos desaparecem no turbilhão, deixando a descoberto os mais velhos, que são então obrigados a fazer face, com forças menores, a perigos crescentes.

As perdas

É mais difícil calcular e avaliar as perdas, do que o total das disponibilidades no principio das operações. As nações podem dissimular essas faltas durante muito tempo, encobrindo, sob uma atitude energica, os desfalecimentos internos e os sinais de fraqueza, e é assim que a Alemanha evita parecer esgotada, não só pela voz dos transmissores da opinião publica, como pela manifestações offensivas dos seus exercitos. Vangloria-se de haver dado larga publicidade ás listas das suas perdas, para demonstrar que não teme se façam as subtrações e que as forças restantes ficam sempre superiores ás das potencias que guardam segredo sobre essas faltas. E, com efeito, tem podido avaliar-se, por documentos, o numero aproximado das perdas sofridas pelo exercito alemão, numero que, em média, se elevaria a 200.000 homens por mês, até ao fim de novembro ultimo, o que, sendo já consideravel, poderá talvez considerar-se inferior á realidade.

Com grandes probabilidades de acertar deverá supor-se que a Alemanha terá perdido entre 200 a 300.000 homens, por mês, desde o começo da guerra, mas como um terço quasi desses homens voltam aos seus regimentos, depois de um espaço de tempo mais ou menos longo, poderá admitir-se que o total mensal das perdas definitivas (mortos, desaparecidos, prisioneiros e feridos invalidos) se aproxime, com efeito, dos 200.000 homens, não andando, certamente, muito longe da verdade, se calcularmos que nos fins do ano de 1915, os efectivos alemães terão diminuido cerca de tres milhões de homens.

Deduzindo-se este numero do numero dos mobilizados, não poderá, comtudo, chegar-se a uma avaliação exacta das forças restantes, porque, a partir de um certo limite, a perda da qualidade cresce mais rapidamente, do que a perda numerica.

III

As disponibilidades restantes

É igualmente difícil avaliar, com grande aproximação, o numero dos combatentes, pois que para isso teremos de considerar os efectivos empregados no serviço de guarnição das praças, na guarda dos prisioneiros, na segurança das vias de comunicação, nos comboios automoveis, etc., não se conhecendo tambem o numero dos esperados, nem o dos demorados no estrangeiro.

No emtanto o que nós podemos saber é o que fica, como reserva supremá, nos depositos do interior. Não só pelos neutros, como pelas informações officiais do imperio, nós temos conhecimento das chamadas sucessivas feitas pelo governo alemão.

As classes de 1914 e de 1915 estão na frente de batalha; a de 1916 está, assim como a nossa, em instrução, juntamente com os alistados voluntarios da classe de 1917. Além disso, os depositos não contêm senão as classes do *landsturm*, segundo contingente, *não instruidas*. A chamada destas ultimas classes, que têm entre 39 a 45 anos e que jámais fizeram serviço militar, mostra bem que se pediu já, ás classes mais novas, tudo quanto elas podiam dar.

O total dessas disponibilidades não deve exceder a um milhão de homens.

A Alemanha procede atualmente ao recenseamento dos mancebos á medida que eles vão completando dezoito anos, o que ali é normal, visto ser permitido pela legislação vigente, não acontecendo o mesmo, porém, com o recenseamento reservado, que tambem agora se está realizando, dos individuos com idade superior a 45 anos; devendo contar-se com 5 ou 6 meses para que estas classes (dos mais novos e dos mais velhos) sejam recenseadas, revistas, chamadas e instruidas.

Por isso, no segundo inverno de campanha, a Alemanha não conseguirá reparar as suas perdas, senão durante 5 meses, o maximo, se elas não excederem 200.000 homens por mês, podendo afirmar-se, sem receio de errar, que, antes do inverno de 1915-1916, não disporá ela senão de mancebos de

18 e 19 anos, ou do *landsturmer*, de quarenta e tantos anos, que desconhece, por completo, o serviço militar. A estes poderá ainda juntar os feridos curados, cujo valor físico e moral diminuirá, fatalmente, com a prolongação da guerra.

Por isso os alemães ficam reduzidos d'óra avante, a fazer face ao desenvolvimento enorme das suas operações, com os exercitos atualmente em acção. Todas as suas ofensivas, desde o mês de maio ultimo, tanto na frente russa, como na balkanica, só teem podido realizar-se com o auxilio dos efectivos das outras frentes de batalha. O exercito dos Balkans, por exemplo, foi constituído com uma dezena de divisões, provenientes, na sua quasi totalidade, da frente russa.

Graças á notavel organização da sua rêde de caminhos de ferro e á sua situação central, os alemães podem operar esses golpes estrategicos, esses transportes intensivos de tropas que conseguem fazer combater os seus soldados, alternativamente, nas planicies russas, nas margens do Vser e do Aisne, e nos Balkans. Mas deve reconhecer-se quão grande será o esforço produzido, no fim de um certo tempo, com o emprego dos mesmos corpos em todas as frentes de batalha, com reforços cada vez mais insuficientes, esforço que já se patenteia pela suspensão da ofensiva na Russia e pela impotencia das forças alemãs, cada vez mais manifesta, na frente ocidental.

De tempos a tempos faz-se circular a noticia de que o inimigo empregará um grande esforço ofensivo e não ha duvida que deverão empregar-se todos os cuidados em manter a nossa superioridade, mas, no que deixamos exposto, julgamos ter demonstrado á evidencia que as forças adversarias se acharão cada vez mais notavelmente enfraquecidas.

Tudo leva a crêr que, num futuro não muito afastado, a impossibilidade de refazer as suas perdas, obrigará os nossos inimigos a encurtar as suas frentes, sob pena de as ver romper pelos exercitos reforçados dos aliados. Será este o pronuncio do recuo e da derrota.

General MALLETERRE

(Extraído da publicação: „*Lectures pour tous—Lettres a tous les français*”, — por F. DE MAGALHÃES.

(Continúa).

Algumas medidas recentemente decretadas no exercito espanhol peço ministro da guerra, general Luque

Ultimamente tem sido publicadas no «*Diario Oficial*» do exercito espanhol algumas medidas que tem chamado a nossa atenção e a de todos aqueles que acompanham de perto todas as manifestações de atividade do exercito do visinho reino, e ao qual os ultimos ministros da guerra tem consagrado um intenso labôr de reorganisação.

Em primeiro lugar temos a Circular (*Diario Oficial* de 25 de agosto ultimo) em que se determina que sejam distribuidas a todas as unidades, frascos de sôro anti-tetânico, tanto preventivo como curativo, assim como ás ambulancias, hospitais de campanha e a todas as formações, posto que os casos de tetano não sejam de esperar que se deem, se as tropas tiverem de operar dentro do territorio nacional.

—A seguir, vem uma ordem (D. O. de 5 de setembro) em que é mandado recolher o pessoal da Comissão geografica das Canarias para ir cooperar no levantamento topografico a que se está procedendo das folhas da carta militar de 1/100.000 da bacia do Tejo no seu curso pela provincia da Extremadura.

—E ultimamente (D. O. de 8 de setembro) são nomeadas comissões para procederem com toda a urgencia aos trabalhos necessarios que sirvam de base a um *plano geral de transportes* a elaborar pelo Estado Maior Central, trabalhos que devem incidir sobre as linhas ferreas que conduzem ás fronteiras portuguesas do norte e de leste, assim como ao campo de Gibraltar, e que devem ser apresentados num praso de 15 dias.

Essas linhas são as seguintes:

1.^a região: Madrid-Badajoz; Madrid-Valencia de Alcantara; Arroyo de Malpartida-Caceres; Ponte de Aljucen-Caceres.

2.^a região: Cordova-Malaga; Bobadilla-Algeciras; Granada-Bobadilla; Sevilha-Merida; Huelva-Zafra.

7.^a região: Astorga-Plasencia; Salamanca-Fuentes d'Oñoro; Fuente de San Esteban-Fregeneda; Medina-Salamanca; Medina-Zamora.

8.^a região : Leon-Monforte ; Monforte-Ribadavia ; Santiago-Pontevedra ; Pontevedra-Redondela ; Redondela-Tuy.

Qual é o objectivo do estudo, a fazer nestas linhas? O mesmo decreto o diz nestes termos :

1.^o — Escolher as estações de desembarque mais apropriadas para as diferentes armas, indicar as modificações a fazer nessas estações e quais os elementos a reunir para se poder realizar esses desembarques ;

2.^o — Indicar os locais de estacionamento (bivaque ou acantonamento) das tropas a desembarcar, tendo em vista as marchas subsequentes ;

3.^o — Estudar as ampliações a fazer nas estações de desembarque, com indicação das obras a executar e materiais necessários ;

4.^o — Estudar o rendimento efectivo dos depositos d'agua existentes e propôr as modificações tendentes a aumentar esse rendimento ;

5.^o — Estudar e projectar as obras necessárias para ampliar as vias das estações, onde as distancias entre as agulhas não permita o cruzamento de trens militares, na hipotese de se ter de empregar a tracção dupla, no caso em que com a tracção simples não se possa fazer circular 30 unidades de transporte ;

6.^o — Estudar e projectar as obras necessarias para se estabelecerem estações provisórias nos troços de linha em que, por ficarem muito distantes as estações existentes, se teria de diminuir a intensidade do trafego ;

7.^o — Estudar e projectar os trabalhos a realizar para a destruição das obras de arte, dando-se as instruções necessarias para a realização dessas destruições, num momento determinado ;

8.^o — Escolher as estações de alimentação mais convenientes, com indicação do pessoal e trabalhos a executar para a realização do serviço ;

9.^o — Estudar a distribuição das forças para a protecção das linhas, supondo que durante a mobilisação e concentração não se pode dispôr das tropas de 1.^a linha, senão em certos pontos e em circumstancias muito excepcionais.

— Dever-se-á sempre contar com o transporte minimo de uma divisão.

— Eis, pois, um programa de trabalhos digno de atenção.

Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuado de pag. 610)

Em 1766, trava-se guerra gloriosa com o dembo Ambuila do Norte.

Neste mesmo ano, teem lugar as guerras de Caconda; e o dito governador Coutinho completa a fortaleza de S. Francisco do Penedo, unindo uma rocha isolada no mar ás penedias da terra firme. A bataria superior monta vinte e quatro peças e a inferior trinta e sete dominando a entrada do porto e o caminho do Cacuéco para Loanda. Paiol para cento e vinte e oito mil libras de polvora. Aqui veio a morrer o traidor «jaga» de Caconda, terror dos povos de Benguela.

Em 1768, reconstruiu-se a fortaleza de Benguela; e criou-se em Loanda a Escola de Fortificação.

Em 1769, fundou-se o presidio da foz do Quanza ou de Novo Redondo.

Em 1771, fundição de peças de artilharia no arsenal de Loanda.

Em 1772, construe-se nesta mesma cidade a fragata «Loanda».

— As grandes missões do Brazil e da India prejudicavam indirectamente as de Africa. Em 1778 ainda parte para o Congo uma grande missão de «barbadinhos»; e pouco depois o ministerio envia mais vinte missionarios com o indigena conguês André de Castro Godinho, bacharel em canones pela universidade de Coimbra.

Em 1783, saíu de Loanda uma expedição para construir em Cabinda uma fortaleza.

Em 1784, três fragatas francesas comandadas por Marigny arrazaram esta fortaleza, denominada «Forte de Santa Maria

de Cabinda», de que tinha sido construtôr o tenente coronel de engenharia Luiz Candido Pinheiro Furtado. A sua guarnição, tendo perdido trezentos homens por doença, capitulou.

— Neste mesmo ano, os portuguezes são mal sucedidos na Quissama.

Em 1785, este referido tenente coronel Furtado foi na fragata «Loanda» explorar até ao Cabo Negro, cuja angra, denominada antigamente «Angra do Negro», recebeu o nome de «Bahia de Mossamedes» em hora do barão de Mossamedes. Esta expedição e a terrestre, vinda por Quilengues comandada por Gregorio Mendes, reuniram-se aí e fizeram a ocupação.

Em 1790, o sóba marquês de Mossulo, invadiu os nossos territorios até ao rio Bengo (Zenza) aonde o deteve o heroismo dos padres capuchinhos italianos.

Em 1791, o capitão Francisco Antonio Pita Bezerra, era comandante do forte do Ambriz (uma parte do qual ficou concluída e artilhada no começo de março) sito na margem do Loge.

Em 1792, o governador Manuel de Almeida e Vasconcelos, com duzentos recrutas dos Açores e cem degredados do Rio de Janeiro veio reforçar o exercito e concluir esta guerra avassalando o Mussulo.

Sendo governador João Fernandes Vieira, o nosso exercito passando o Zenza e o Dande, foi castigar os dembos Dambi Angongo e o seu visinho Quitexi Candambi, anteriormente nossos aliados e que agora resistiram tenásmente a tiro e á zagaia, entrincheirando-se e escondendo-se no mato, fazendo-nos muitas baixas.

Em 1793, os dembados entre o Dande e o Lifune foram invadidos por outra coluna comandada pelo coronel Paulo Martins Pinheiro de Lacerda, que vindo do Golungo Alto, atravessou o Quilombo, Cavunga Cahui, Cavunga Capacáça, Quimbinga, Amuquiama (mais tarde Caculo Congola), passando o rio Dande á viva força em 13 de junho e batendo os dembos Nabuangongo, Quiquengo, Zala e Lunda, chegando a S. José de Encoge em 16 de agosto de 1793.

Auxiliou a coluna a gente do sóba Cabouco, das partes de Cambambe e o dembo *Caculo Cahenda que para esse fim tinha instruções do rei do Congo.*

Foi na passagem por Sassa e emquanto ali esperou pelo

auxílio do Caculo Cahenda que a coluna, de acôrdo com este mesmo *Caculo Cahenda, com o N, Gombe Amuquiama e Cazuangongo*¹ ali estabeleceram o posto militar, tambem conhecido por *Sassa-Calomba*.

Este Caculo arquiva um documento em que aquêlê coronel de infantaria do Regimento do Reino de Angola, comandante do Exercito do Norte, certifica que «o dembo Caculo Cahenda, D. Sebastião Francisco Xeque, o acompanhou com alguns dos seus povos na campanha que Manoel de Almeida e Vasconcelos dirigiu contra aqueles rebeldes, achando-se em todos os combates e marchas, como bom e fiel vassalo, até ao presidio de S. José de Encóge, onde chegou com o exercito, deixando conquistados aqueles países, servindo muito bem a Sua Magestade fidelissima, *pelo que se faz digno da sua Real atenção, por ser um dos melhores vassalos desta Conquista*»².

Como se vê, o Caculo Cahenda, alem das suas longinquoas e honrosas tradições, passados dois seculos, ainda se afirma um dos mais valiosos amigos e auxiliares de Portugal.

Todo este tempo ainda não foi capaz de dissolver, de fragmentar ou de converter em sobados independentes de modo a perder o nome, esse Estado Caculo, existente antes de 1615, quem sabe ha quanto tempo?

Este «maior dembo do Sul» depois de esta vitoria sobre os Dembos do Norte passou a intitular-se «o maior de todos os dembos», apoucando o poder do Ambuila.

*

* *

Na região denominada Dembos, no trato com os «sóbas fidalgos ou dembos» é uma desconsideração chamar-lhes sóbas.

Atrás de uns teem vindo outros, inclusivamente aquêles que descendem da Ginga ou vieram de Leste. Nos seus titulos se encontra a origem que êles supõem ter.

¹ E' a primeira vez que encontramos este dembo na historia, parecendo que em tempos remotos foi vassalo ou soba do Caculo Cahenda.

² Transcrito no Livro de Ordens do Comando de Lombige em 1912 pelo tenente David Magno.

Segundo estes fundamentos, por exemplo, Caculo Congola quer dizer que além de ser da grande família «Kakula» desce tanto do rei do Congo, como do rei de Angola (Cong + N'Gola).

Ao N. do Dande, ha a família dos «ambuilas», «mutêmos», etc. e ao S. ha estes «caculos», a mais importante, também conhecidos por «molumbis». Molumbis, são todos os subditos, passados e presentes do dembo Caculo Cahenda, havendo entre os seus macotas os Muene-dumbi e Emu-lumbi (donos das terras). Os povos do Caculo Cahenda relativamente ás pessoas são conhecidas por «caculos»; relativamente á terra, são conhecidos por «ácumolumbis» (filhos do Congo).

Aos povos das margens (direita e esquerda) do Zenza, Zambi-Aluquem, etc. chamam «luangos» (nariz furado). Os de Cavunga Capacaça, Cavunga Cahui, N'Gombe Anamboá, Qui-lombo e outros, são conhecidos por «lambas» (panos azeitados).

Cerca de Porto Zenza havia a povoação dos Mubires, descendentes de uns trinta pretos que do Loango (povoação dos arredores de S. Antonio do Zaire e reino a N. da margem direita) em 1759, por ocasião da fundação do presidio de S. José, foram enviados para Encoge.

Estes «Mubires» estabeleceram-se nas terras do Muene-Coxi e com algumas fazendas que possuíam compraram escravas, foram distribuidas por entre eles, para propagação da raça, da qual se distingue o ramo «mahungo».

Os «mubires» são negros tratantes e feiticeiros, que vivem espalhados pelo reino do Congo, especie de ciganos, tão temidos como feiticeiros que ninguém ousa tocar em objecto «mubire».

A propagação dos «mubires» foi de tal natureza, que em poucos anos encontraram-se espalhados por toda a região dos Dembos, conservando pura essa raça, que se não cruza com a de outros povos. Estes «mubires», também vulgarmente conhecidos por «luangos» são os atuais povos do Zambi Áluquem, Gimbo Aluquem, Pango Aluquem e sobado N'Bumba nas terras do N'Gombe Anamboá, havendo á entrada das terras do Zambi Aluquem a passagem do rio Zenza, a que chamaram por este motivo Porto dos Luangos ou só Luango, não obstante ficar atrás dito que cerca de Porto Zenza (mais para leste ou a montante do rio) havia a povoação dos Mubires.

Noticias antigas destes povos, são concordes com as de hoje em atribuir-lhes as qualidades de maus, cobardes e traiçoeiros. Lopes de Lima classifica os dembos, de condição áspera e naturalmente levantadiços, não nos admirando que assim sejam os habitantes de uma região acidentada, cujas alturas e agruras devem imprimir no seu caracter sentimentos étnicos de independencia ou de liberdade.

Povos dos Dembos

Antigamente o territorio dos Dembos, situado entre os concelhos de Zenza do Golungo e do Alto Dande a O., Molenda e Cahenda a E., era limitado ao N. pelo rio Dande, que neste ponto não é navegavel e a S. pelo Zenza e constituia um distrito, subordinado á capitania general de Angola e era governado por seis dembos ou senhores, que tinham por dever fornecer gente para a guerra. A séde do distrito era no Golungo Alto.

Esses senhores eram:

1.º Dembo—CACULO CAHENDA :

Tinha mais de doze *sóbas* seus vassallos com 3.110 fogos e com 12.400 almas, cujos agrupamentos, dados a seguir, constituem um grande esclarecimento historico e chorográfico, que convém registar, devido ás constantes alterações que se dão por revoltas internas e com a soberania ou quaisquer outros motivos politicos.

- 1.º—*N'Gombe Anamboa*, (hoje dembo independente),
- 2.º—*Cavunga Capacaça*, (idem),
- 3.º—*Cavunga Cáhui*, (idem),
- 4.º—*N'Gola Angombe*, (Quingola),
- 5.º—*Calunga Caqueiza*, (hoje independente),
- 6.º—*Calunga Caihumba*, (idem),
- 7.º—*Caculo Caginga* ou *Zombo Angola*, (idem),
- 8.º—*N'Bumba*, (junto ao *N'Gombe Anamboa*),
- 9.º—*Quindambo*,
- 10.º—*Muenga Quibumbo Qui-á-Congo*, (idem) ¹,

¹ V. nota do Lombige para o Quartel General, n.º 249 de 20-4-912.

11.º—Muquiama Quicuca, (hoje *Caculo Congola*) e

12.º—*Quilombo-Quiamlumba*, (idem).

Eram então simples *sobêtas* os seguintes, que se tornaram sóbas (Muênes) e alguns dêles importantes com muitas povoações (sanzalas) subordinadas a cada um. Os chefes das povoações que seguem, assim como aqueles, não podem aproximar-se do dembo *Caculo Cahenda* senão de joelhos, com o rosto em terra e descalços:

13.º—*«Banza»*—Nome generico dado á principal povoação de uma região. O gentio para a distinguir ou por obediencia a antigas influencias religiosas deu-lhe o titulo de *«S. Antonio»*. *O chefe desta capital, que é tambem a mais importante dos Dembos, não é porem o dembo, como se julga, mas o seu macôta-mor «Muene-Itandála»*.

14.º—Qui-Álo,

15.º—Qui-Ximba,

16.º—Engombe-de *Caculo*,

17.º—Qui-Imbundo-de *Caculo*,

18.º—Qui-Binga,

19.º—Qui-Dange-de *Caculo*,

20.º—Buque de Sássa,

21.º—Qui-Mucende-de *Caculo*,

22.º—Qui-Zombo-de *Caculo*,

23.º—Qui-Ingila,

24.º—Qui-Salafundo,

25.º—Qui-Senzéle,

26.º—Qui-Lungo e

27.º—Qui-Muconde.

A população destes sobetados (14 a 27) devia regular nestes tempos, em que não grassava tanto a doença do sôno, por mais de dez mil almas.

Sóbas patrões ou fidalgos «mubires», que habitavam nas terras do *Caculo Cahenda*, os quais só lhe pagam fôro ou tributo, mas não lhe obedecem modernamente por se governarem por outras leis, e pagavam tambem dizimos por fogos á

Junta de Fazenda Publica, são seis com 384 fogos e 1.600 almas, os quais são os seguintes :

- | | |
|------------------|--|
| 28.º—Qui-Saquel, | } Os quais vivem hoje sob o regime do dembo <i>Zambi-Aluquem</i> (séde em Cabari, perto de <i>Cama-béla</i>). |
| 29.º—Qui-Sango, | |
| 30.º—Bondo, | |
| 31.º—Macuande, | |
| 32.º—Cóle, | |
| 33.º—Cá-hássa. | |

Mahungos, dos quais alguns estão em terras do Caculo Cahenda, mas não lhe obedecem, nem tão pouco ao chefe do distrito, por serem errantes, são quinze com 2.112 fogos e 7.000 almas :

- 34.º—Pango Amuguenga,
- 35.º—Mulaca Acango,
- 36.º—N'Bambe Assamba,
- 37.º—Panzo Antumbo,
- 38.º—Panzo Antumego,
- 39.º—Tita Aquizele,
- 40.º—Malanga Mucamba,
- 41.º—N'Bambe Aquinguel,
- 42.º—Mandaca Colo,
- 43.º—Andange Atita,
- 44.º—Himona,
- 45.º—Quitambaia,
- 46.º—Caholo N'Gango,
- 47.º—Mane Magungo e
- 48.º—N'Gongo Acabalulo.

Pertence ainda ao Caculo Cahenda o sobado (49) de *Quiambôle*, com cinco sanzalas na margem do Dande; e pertenceu o *Bango Aquitambo*¹.

2.º *Dembo, N'Gombe Amuquiama :*

Tinha deseseis sobas seus subordinados com 2.508 fogos e 10.000 almas: 1 N'Gombe Ailengue, 2 Calunga Amuquiama, 3

¹ V. nota do Lombige, para o Quartel General, n.º 249 de 20-4-912.

Quezo Assamba, 4 Muquiamba Assamba, 5 Pire, 6 Mambua, 7 Congo-ri-Angombe, 8 Mani-quage, 9 N'Gombe Aquicula, 10 N'Gombe Angongo, 11 Canga Angonge, 12 Tongo Diandua, 13 Quite, 14 Tamba Fulo, 15 N'Bambalo e 16 Muene Zucola.

Sobas «mubires» que habitam nas terras do N'Gombe Amuquiama, mas não lhe obedecem e que antigamente pagavam dizimos por fogos á Junta da Fazenda Publica, são quatro, com 466 fogos e 1.850 almas: 17 Benza, 18 Macozo, 19 Bamba, 20 Indungue, 21 Pango (hoje dembo Pango Aluquem, independente).

Total da população do N'Gombe Amuquiama e «mubires» 2.974 fogos com 11.850 almas.

O dembo Caculo Cahenda tem portanto a mais do que o potentado do Sul do Dande imediatamente inferior 5.132 fogos ou 19.150 almas.

3.º Dembo, Cazuangongo :

Tinha sete sobas seus subordinados com 900 fogos e 3.000 almas: N'Bamba, 2 Zongue, 3 Elengue, 4 *Muando*, 5 Caudamba, 6 Nambua Ambango e 7 Temo.

«Mubires», nas condições precedentes, 1.068 fogos e 4.300 almas; 8 N'Gimbo Anambua (hoje dembo independente *Gimbo Aluquem*), 9 Quimbungo (extincto pela doença do sono), 10 *Quilemba*, 11 *Mucumbi-ango*, 12 Maconga-a-Mofuque, 13 Chingo Anzamba, 14 Cipriano, 15 Massague, 16 Cabinda, 17 N'Gondo.

Tatal 1.968 fogos com 8.200 almas.

Recapitulação :	Fogos :	Almas :
N'Gombe Amuquiama ¹	2.974	11.850
Cazuangongo ¹	1.968	8.200
Caculo Cahenda ¹	—	—
	4.942	20.050
	8.106	31:000

Tem portanto este maior dembo dos Dembos mais tres mil cento e sessenta e quatro fogos ou dez mil novecentos e cincoenta almas do que os dois dembos imediatos reunidos, afora mais o sobado de Quianbóle. (Esta estimativa confere com a «Noticia do tenente Mello», mas ha a acrescentar 2.500 fogos e 10.000 almas dos povos (3 a 27) não incluídos nesta

¹ A população não aumentará por ir sendo dizimada pelo «tripanosoma».

«Noticia», pelo que *o poder do Caculo Cahenda, ao começar do seculo XIX ascende a mais de cinco mil e setecentos fogos, ou a vinte e uma mil almas sobre o N'Gombe Amuquiama e o Cazuangongo reunidos.*

4.^o *Dembo, Quibaxe-Qui-á-Mubemba-Congo :*

Tinha apenas quatro sobas, com 1.002 fogos e 3.880 almas :
1 Catende, 3 Muene-Fulo, 3 Campandambe e 4 Quinzenguel.

5.^o *Dembo, Mofuque Aquitupa :*

Tinha cinco sobados com 449 fogos e 1.800 almas : 1 N'Goma Aquitupa, 2 N'Gombe Ándua, 3 Izenquel, 4 Zamba e 5 Mucengue Mofuque.

6. *Dembo, N'Dala Cabaça :*

Tinha apenas a sua banza com 220 fogos e 812 almas.

*
*
*

Em 1810, o general Oliveira Barbosa ordenou que o distrito dos Dembos fosse separado do Golungo Alto.

—Em 1814, dêmos ocasião a que o rei D. Garcia V (Necang-á-Bemba) se queixasse do abandono a que tinha chegado a religião no seu Estado e pedia sacerdotes, em substituição daquêles que tinham morrido, e lembrando o uso de serem os reis do Congo confirmados pelo soberano português. Era o recurso á tradição daquêle potentado, que dia a dia via fugir-lhe o terreno que pisava.

A ação dos portugueses, tendo-se alastrado já para N. do Zaire, correspondia á completa conquista, pelo menos virtual, do Congo, a qual foi apenas uma questão de tempo, desde que as nossos antepassados tinham sido admitidos a dominar em tal Estado, não obstante o notavel geografo Reclus dar a entender que a unidade politica do Congo subsistiria, se não fosse a revolta do Conde do Sonho nos fins do seculo xvii e se outras insurreições, a rivalidade dos missionarios, a tomada dos caminhos comerciais pelos «cabindas» e sobretudo a escravatura praticada por pretos e brancos, portugueses e estrangeiros, não arruinassem este Estado, que se vinha aguentando sómente pela potencia mistica da tradição, como o Santo Imperio Romano da Edade Media.

Os missionarios pertenciam a diferentes congregações e não se extranhem por isso as suas naturais rivalidades, como se dão entre os mais patrioticas classes humanas, emulações que aqui tivéram a utilidade especial de fazer transitar o poder do rei do Congo para o «Rei do Mar»; mas mesmo que se não justificassem, seria uma ingratição nacional fazer reviver os defeitos passados e olvidar os relevantes serviços diplomaticos e colonisadores destes homens que prostrados afinal, uns após outros, no catre dos moribundos pelo clima, pelo virus dos insétos e não raro pelos dardos envenenados do gentio, com os dedos enclavinados na miniatura de um humilde Nazarêno crucificado, exhalavam o ultimo suspiro com os olhos postos na gloriosa bandeira das quinas e castélos.

* * *

Em 1817, tiveram logar guerras no sertão de Benguela.

—Em 1826, mantinham-se as boas relações com o *Caculo Cahenda*, conferindo Nicolau de Abreu Castelo Branco, fidalgo cavaleiro da Casa Real, coronel de cavalaria, governador e capitão general, carta patente ao dembo D. João Miguel Sebastião Cheque, pelo falecimento do dembo D. Sebastião Miguel Francisco Cheque¹.

Neste mesmo ano, o governador de Angola remeteu para Lisboa algum oiro, de lavagens, do rio Lombige (nas terras do referido dembo).

Anos depois alguns sobas ao Sul do Lombige constituiram-se em Estado Mubire sob o nome de *Zambi Aluquem*; e suscitou-se uma questão por causa das terras de Calucassa (Caculo Caginga) a qual foi resolver no proprio local o tenente ajudante do batalhão expedicionario, Rodrigo Téles de Menezes, então regente do distrito do Golungo Alto.

Em 1838, uma expedição de quatro mil homens comandada pelo tenente-coronel Joaquim Filipe de Andrade, derrota o soba Quilunge Quiassama (vassalo da Ginga) e do sobado formou o concelho do «Duque de Bragança», construindo ahí uma fortaleza para quatrocentos praças e doze canhões.

¹ Pergaminhos do Caculo Cahenda.

Em 1839, o governador geral, D. Antonio de Noronha, mandou duas novas expedições ao Sul (que se juntaram em Mossamedes) uma por terra, via Quilengues, Caconda, Qui-pungo e Huila, comandada pelo prestante tenente João Francisco Garcia; e outra por mar, a bordo da escuna «Isabel Maria», comandada pelo capitão-tenente Pedro Alexandrino da Cunha (o futuro governador geral, que ha de ter de Angola a estatua de bronze, que se ergue em Loanda), que chegou á Baía dos Tigres.

Em 1840, Jacome Torres e Antonio Guimarães estabelecem uma feitoria comercial em Mossamedes, e o ministro Conde do Bomfim manda fundar na Ponta do Penedo (Ponta Negra) a fortaleza de S. Fernando, conhecida por presidio.

—De Mossamedes, o comerciante, Bernardino José Brochado irradia para o sertão, atingindo os Gambos em 1843 e o Mulondo em 1844, estando averiguado ser o primeiro europeu que por aqui se aventurou.

—Subiu depois ao trono do Congo, D. Henrique II (Nepanzu-a-Xindi) que foi coroado em 13 de janeiro de 1844, e casado no dia seguinte pelo conego Antonio Francisco das Necessidades, que ali mandára o governador.

Em 1845, esteve no Congo o capitão Antonio Joaquim de Castro, que foi levar ao rei um manto de veludo com franja de ouro, um sceptro e corôa de prata de bastante valor, e outros presentes, assinando no dia 26 de junho um tratado concedendo aos portugueses a occupação do Ambriz e o estabelecimento ali de uma fortaleza.

No mesmo ano funda-se o presidio de Huila.

Em 1845, o referido tenente Garcia funda o presidio da Huila, e tenta-se a occupação dos Gambos.

Em 1846, o mesmo comerciante J. Brochado, chega ao Camba, atraindo a colonisação europeia, a qual teve de sustentar lutas sangrentas com os «mu-hillas», subditos do então poderoso soba da Huila, que tambem apreciavam a amenidade do clima do planalto.

Em 1849, chega a Mossamedes uma colonia de 165 homens e 38 mulheres, vindos do Brasil, e a seguir chegam mais colonos.

— Neste mesmo ano, o «jaga Bumba», revolta os «bangalas», marchando contra eles 1200 homens de tropas regular, irregular e auxiliares, comandados pelo major Sales Ferreira.

Em 1850, a 10 de agosto, avassalou o «jaga» Calunga-cá-Quissanga, eleito em lugar daquele. O mesmo major depõe o jága N'Dála Quissua N'Dombe, substituindo-o pela soba Quíssua Camaxi, por ter sido assassinado nas terras dos «bundos» (Tala Mugongo) o capitão de moveis, Simão da Cruz.

Em 1851, tendo este Bumba mandado assassinar o jaga eleito faz com que o valente major Sales Ferreira, em 6 de janeiro, entre em Cassange á frente de 3:000 homens, incluindo carregadores. Em 25 de maio, recolhe a Pungo Andongo com 400 prisioneiros. Em 16 de agosto, publica-se o «Regulamento do chefe do distrito de Tala Mugongo», de que o jagado de Cassange era uma das divisões, sendo nomeado chefe o capitão Cardoso da Silva.

Em 1852, o Bumba revolta mais uma vez a região de Cassange. Voltando ali o major Sales Ferreira, nada conseguiu desde 10 de fevereiro até agosto. Em 7 de julho cria-se a Companhia Movel de Tala Mugongo.

Em 1853, a Inglaterra procurando tratados com os sóbas do Ambriz e do Ambrizete quer apoderar-se dos territorios ao N. do Loge. De cinco navios de guerra fundeados no Ambriz desembarcaram 120 homens que voltaram para bordo em vista dos protestos do 2.º tenente José Baptista de Andrade, comandante do brigue «Corimba» que lhe fez ver que tal desembarque não se justificava sem previa declaração de guerra.

Em 1854, sendo chefe do distrito de Pala Mugongo o tenente Joaquim Maria de Carvalho, o ex-jága Bumba persiste na revolta (combate de Camuéji).

Em 1855, tendo-se revoltado o poderoso sóba do Ambriz, o governador de Angola, major de engenharia José Rodrigues Coelho do Amaral embarcou para ali com uma expedição a bordo da fragata «D. Fernando», brigue «Serra do Pilar» e polaca «Esperança» a fim de o recupar (V. 1791). Em documento datado da vila do Ambriz, em 15 de maio (V. Suplemento n.º 502 do B. O.) proclamava daí a ocupação do Congo, dizendo:—«Soldados da expedição do Ambriz! Vamos a estabelecer o dominio que pertence á coroa portuguesa em todo o país situado a N. de Loanda até 5º e 12'»

Para isto não serviu o tratado anterior com o rei do Congo, pois a autoridade deste, ha muito era ficticia.

Em 26 de maio, o governador mandou sair dos entrin-

cheiramentos 300 h. em busca do regulo. E em 17, publicava-se a seguinte ordem á coluna:— «Todos os meios de persuasão e de gradual castigo foram baldados. O regulo vai levantando as povoações contra nós. Tornou-se necessario realisar a ameaça das razias. Se isto se não fizesse atribuil-o-iam a impotencia e não a generosidade. Os barbaros desconhecem tal virtude.

Hontem 16, saíram 500 homens comandados pelo capitão Teotonio Maria Coelho Borges (sendo os contingentes do batalhão de 1.^a linha de Loanda, das Companhias de linha de Loanda, das Companhias de linha de Cambambe e Massangano, das Companhias Moveis destes dois presidios, dos distritos de Icolo e Bengo, e finalmente de empacaceiros de Muxima e Calumbo) em direção a Guipampla, a povoação mais internada do Ambriz. Uma hora depois saíram, como reserva, 100 homens do batalhão de linha e de sapadores, comandados pelo capitão Olavo Gamboa e Eduardo Guilherme de Faria Blanco, com 17 cavalos. Ambas estas forças encontraram alguma resistência em Guipampla e na Quibanza-velha. Não existe hoje uma unica povoação das que pertenciam ao ex-regulo D. Garcia.

Neste meio tempo foi nomeado governador do Ambriz o 2.^o tenente de marinha, José Baptista de Andrade.

Em 26 de julho, D. Henrique, rei do Congo, escrevia ao governador geral, agradecendo-lhe e prometendo-lhe aconselhar estes seus povos. O Marquês de Mossulo e o Mani-Sambo, por intermedio do mesmo rei, pediram perdão e submeteram-se no ano seguinte.

—Neste mesmo ano (de 1855) existia a Companhia Movel do distrito dos Dembos, com séde no Golungo Alto.

—Em 1856, o capitão F. Godinho Cabral e Melo, socorre Quilengues (Xilengue) contra o gentio de Nano.

No mesmo ano, as nossas forças na Feira batem o Bumba, que tinha mobilisado alguns milhares de homens, e no Quembo põem-no em debandada. Este rebelde apresenta-se e é eleito jága.

Ainda em 1856, o ministro marquês de Sá da Bandeira, promove o estabelecimento de uma colonia de cem familias em Mossamedes e recomenda a empreza de péscas no Porto de Pinda e na Baía dos Tigres. Neste mesmo ano, organisa-se

uma expedição para ir bater o soba dos Gambos e colocar ali o soba deposto, refugiado no Quipungo, iniciando a construção da fortaleza ¹.

Em 10 de novembro, o gentio do *Nano*, que pretendia roubar gados e aprisionar gente, cercou e atacou a fortaleza de Caconda, durando o fogo quatro dias, findos os quais esses oito mil negros fugiram, deixando mais de cem mortos e muitos feridos. Em socorro de Caconda tinha saído de Mossamedes, com 30 praças, o já referido capitão Godinho de Melo.

— Finalmente (em 1856), a expedição do major Sáles Ferreira ocupou a região do Bembe, com a denominação de «concelho de D. Pepro V».

Ahi se refugiou o sobrinho de D. Henrique, o marquês de Catenda, que queria ser rei em vez de D. Rafael Dongo, igualmente sobrinho, que o povo preferiu. Foi o comando deste concelho entregue ao capitão Zacarias de Santa Cruz, o qual não conhecendo o povo entre que vivia e acreditando no Catenda, que declarava que a preseguição do seu primo era por ele ser amigo dos portugueses, ao passo que o Dongo era dos ingleses; deixando-se ainda levar por uma ambição de gloria, propôz ao governo para, com trinta praças, ir ocupar S. Salvador, a esse tempo uma cidade populosa e com bastante gente armada.

O capitão Zacarias foi prevenido pelo Dongo de que só o padre José Maria de Moraes Gavião seria recebido, mas julgando que se abrigaria com a batina não fez senão comprometê-la. Em 25 de junho entrou em S. Salvador sendo recebido friamente. Avizado por um cabinda de que nessa noite a força ia ser amarrada, retirou a ocultas, incluindo o padre.

Todo este procedimento ia ter como consequencia uma guerra prolongada. *Então, como hoje, é mais a falta de tacto das autoridades que motivam as revoltas do que são as qualidades do proprio gentio* ².

(Continúa).

¹ Para pormenores V. *Anais do Municipio de Mossamedes* e especialmente a descrição das tribus de Angola e da Expedição aos Gambos em 1856, por A. F. Nogueira, no 2.º vol. da *Revista Portuguesa Colonial e Maritima* (1898).

² V. Historia dos Dembos, 1872, 1898 e 1913.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Baixas sofridas no exercito.—*Le Temps* do dia 9 de julho ultimo publica o seguinte resumo das perdas alemãs: O Estado Maior alemão publicou até ao 1.º de julho ultimo, 1.032 listas de baixas no exercito e na marinha. Seguindo estas listas, o numero de mortos sobe a 766.600; o de feridos a 1.889.568 e o de desaparecidos a 374.328, o que dá um total de 3.030.496.

Este numero decompõe-se assim:

Prussianos, 601.095 mortos, 1.468.703 feridos e 283.819 desaparecidos.

Bavaras, 67.325, idem e 25.225, idem.

Saxões, 47.263, idem e 23.691, idem.

Wurtem burguezes, 28.980, idem, 74.406, idem e 8.076, idem.

Diversos, 13.168, idem, 46.474, idem e 10.030, idem.

Marinha, 8.769, idem, 11.057, idem e 16.489, idem.

França

Os automoveis na guerra actual.—O exercito francês, e os demais exercitos beligerantes, dispõem de unidades automoveis de diversas especies: secções automoveis de transporte de material, de transporte de pessoal, de parque automovel, de automoveis sanitarios, de automoveis de abastecimento de carne e ditos de trem de combate. Entre estes ultimos existem os automoveis-metralhadoras, os auto-canhões e os tractores utilizados para conduzir rapidamente a artilharia pesada ou as peças de grande calibre.

Os automoveis-postais constituem uma organização independente, assim como os automoveis-cosinhas, os automoveis-estufas, etc.

As diferentes unfdades, de todas as especies, compõem-se de 20 automoveis apropriados ao serviço a que se destinam, de uma carruagem de passeio para o chefe da secção, outra carruagem officina e de uma motocicleta.

As secções de transporte de material conduzem, desde as estações e armazens até aos locais de concentração, os trens regimentais, os viveres e as munições para o aproximamento das tropas e cooperam no transporte de feridos nas estações de evacuação.

As secções de transporte de pessoal efectuam as concentrações rapidas de tropas, como o fizeram as do serviço publico de Paris quando da batalha de Oureq. As secções sanitarias transportam os feridos, os medicamentos e o material deste serviço; as de abastecimento de carne fresca, levam estes até aos matadouros nos trens regimentais; as secções de parque automovel, são verdadeiras oficinas ambulantes.

Tais secções foram constituídas com o auxilio dos omnibus-automoveis de Paris, convenientemente reformados.

Outra categoria, mais generalizada e completamente distinta de todas as anteriormente enumeradas, é constituída pelos automoveis blindados, os quais podem dividir-se em dois grupos: rapidos e pesados. Utilizam-se para grande numero de serviços (reconhecimentos, destruição d'obras, execução de *raids* contra as comunicações inimigas, etc.); cada regimento, ou pelo menos cada brigada, possui um dos ditos automoveis blindados.

Linhas telefonicas.—Os ensinamentos da guerra obrigaram a introduzir certas modificações no estabelecimento das linhas telefonicas que ligam as diversas un'dades e serviços.

Estava assente que as linhas tivessem um unico fio, fechando-se o circuito pela terra; deste modo facil era ao inimigo surpreender as comunicações, instalando microfones. Para o evitar, foi ordenada a colocação de dois fios em vez de um, que fecham por completo o circuito, sem passar pela terra, o que torna impossivel estas surpresas.

Os fios estendidos nos campos ficavam expostos aos efeitos das granadas de artilharia; atualmente instalam-se em ranhuras abertas nos ramais que comunicam entre si as trincheiras.

Inglaterra

Gazes sufocantes, gazes venenosos e gazes asfixiantes usados na guerra atual.— A revista *The Engineer* publica certos dados, extratados de uma conferencia feita em Londres pelo professor Vivian B. Lewes, que são curiosos e importantes.

Os gazes empregados na guerra, admitem as tres variedades acima indicados. A primeira compreende os gazes que se apoderam do oxigenio necessario para a vida, tais como o bioxido de carbone, o azote e o hidrogeneo. Os da segunda variedade são os verdadeiramente venenosos: oxido de carbone, cianogeneo e outros, os quais basta que se misturem com o ar na proporção de 1,1 % para que se produzam efeitos perniciosos. Os gazes asfixiantes—terceira variedade—atuam sobre os orgãos da respiração, inflamando-os de um modo notavel (bioxido de enxofre, cloro e alguns oxidos de azote, etc.).

O oxido de carbone produzido na explosão da carga das granadas, por sua grande leveza, espalha-se rapidamente no ar, e não é capaz, por tanto, de ocasionar, em geral, a morte. Para que essa difusão não se efectue até depois que o gaz, mercê duma corrente de ar, tenha chegado ás trincheiras inimigas é preciso que a sua densidade seja pelo menos dupla da do ar. Esta condição reduz aos seguintes os gazes que podem ser empregados: bioxido de azote, cloro, bromo e cloreto de carbone.

Como defeza eficaz contra estes gazes, basta um pedaço de flanela ou algodão embebido na soda vulgar que se usa para lavar, e mantido diante da boca e do nariz. Tambem se recomenda a cal, como o melhor absorvênte ou neutralizador.

Avisador de dirigiveis.—Fizeram-se experiencias em Londres com um aparelho inventado por De Fuest.

Nas suas linhas gerais, o avisador consiste em dois aparelhos distintos: um microtelefone especial muito sensível, destinado á recepção das ondas acusticas produzidas pelo motor, e o auricular, aparelho magnetico o qual transmite ao microtelefone o efeito das indicadas ondas.

Se com o avisador se obtem bons resultados, será possível ter noticia da aproximação de um aeronave inimigo com o tempo suficiente para tratar da defeza.

DIVERSOS

Instrução civil em alguns exercitos.— Os dados que seguem sobre a instrução alfabetica dos recrutados em diversos países foram extrahidos dos anais officiais e de informações colhidas em algumas revistas profissionais. Do confronto dos algarismos do analfabetismo deduz-se evidentemente o esforço que a maior parte das nações tem feito em nosso tempo para combater esta praga, tendo chegado quasi a extinguir-se na Europa central entre os adultos, e portanto no exercito. Assim vemos que a applicação estricta na Alemanha das leis sobre assistencia escolar reduziu a termos insignificantes o numero de analfabetos. Em 1883 a proporção era de 1,28 por 100 e em 1910 de 0,02 por 100. Compreende-se, portanto, o orgulho legitimo dos alemães por semelhantes resultados, comparados com os obtidos em França, em que a diferença contra esta nação é de 2,97 por 100, se é que a comparação póde ser exacta, em virtude do modo de encarar o analfabetismo nos dois países: *em França considera-se como analfabeto todo aquele que não sabe ler com desembaraço, em quanto que na Alemanha considera-se como tal o que nem sequer sabe escrever o seu nome.*

A Suissa é tambem uma das nações que mais atenção tem prestado á instrução dos seus recrutados. Dos exames pedagogicos effectuados em 1910 resulta que 1 por 100 não sabia ler nem escrever e 1 por 100 sabia ler e escrever com difficuldade. Neste país, em virtude do artigo 1.º do regulamento de 20 de agosto de 1910, todos os cidadãos suissos passam por um exame pedagogico tendo por objecto constatar os conhecimentos que cada um possui.

Segundo a revista militar *The Broad Arrow* consideram como analfabetos na Inglaterra os que não sabem ler um livro de instrução primaria e escrevel-o dictado, assim como é difficil a sua comparação com outros países onde não está bem definido o ponto em que se considera um recruta sem instrução elementar.

Segundo uma informação do *Military Mail*, de 29.019 recrutados incorporados em 1912 não sabiam ler nem escrever 3.208, o que dá uma proporção de 11 por 100 de analfabetos, 8.620 não cumpriam as condições com que estão geralmente as crianças de 8 anos nas escolas primarias e 8.731 escreviam e conheciam as regras aritmeticas.

A Italia é a nação que mais analogias apresenta com a França no que respeita a este assunto, não acusando a comparação dos algarismos marcada tendencia para a diminuição da falta de instrução dos recrutados.

Desconhecemos o criterio com que se aprecia o maior ou menor grau do analfabetismo no Japão; mas não deixa de chamar a atenção o imenso esforço que supõe passar da proporção 15 por 100 em 1903 para a de 4,28 por 100 em 1916.

Devemos ainda acentuar que nas classificações que no Anuário do Japão figuram sobre o grau de instrução dos recrutas existe a dos mancebos que apenas sabem ler e escrever, e que para o ano de 1910 vem a ser de 11 por 100 dos recrutas.

Pondo por ordem decrescente da intensidade as percentagens dos analfabetos nos países de que alcançamos informações, resulta o quadro seguinte:

Anos	Países	Analfabetos por 100 recrutas
1913	Espanha	36,11
1911	Italia	38,80
1910	Austria-Ungria.....	22
1913	Belgica	6,20
1911	França	4,36
1910	Japão.....	4,28
1910	Holanda	1
1910	Suissa.....	1
1910	Suecia	0,37
1910	Dinamarca.....	0,20
1913	Alemanha.....	0,02

(De *La France Militaire*).

A acção da artilharia nas guerras contemporaneas.—São do *International Military Digest*, n.º 4 as seguintes considerações a respeito do emprego da artilharia nos Balkans e na conflagração actual europeia:

Nos Balkans.—A artilharia dos coligados balkanicos era de facto muito superior á dos otomanos. As extraordinarias vantagens obtidas deram margem a acaloradas discussões a respeito da superioridade da artilharia francesa, sobre a alemã ou desta sobre aquela, conforme as escolas a que se filiavam os contendores. Muito se escreveu, rios de tinta correram para se chegar á conclusão de que a superioridade alcançada era devida a melhor organização e mais perfeita instrução dos aliados balkanicos, ao serviço de uma intelligente iniciativa.

Os turcos ignoravam por completo o tiro indirecto e raras vezes souberam utilizar-se das posições desenhadas.

Para eles, a luta, o duelo da artilharia era uma coisa secundaria, de so-menos importancia.

Frequentemente os seus canhões ficavam emudecidos no meio da acção, de modo que a infantaria, privada do seu indispensavel apoio, não chegava a realizar a sua missão tactica.

Uma unica vez, no decorrer da campanha, os turcos souberam com a sua artilharia inflingir aos adversarios graves perdas; foi em Tchataldja.

Os aliados perderam muitos tiros devido á deficiencia das espoletas, o fogo de shrapnell ficou improducente, ineficaz em varias ocasiões.

Quer de um lado, quer do outro dos beligerantes, empregavam-se tão sómente granadas ordinarias e shrapnells.

Os bulgaros e servios eram habéis no emprego das posições desenfiadas, mas estes distinguíam-se daqueles pelo apoio que a sua artilharia sabia a tempo ali prestar á infantaria ; o seu fogo era sempre eficaz ao aproximar-se das posições inimigas.

A artilharia dos gregos, embors atuasse com certa habilidade e destreza todas as vezes que era levada a entrar em acção, conservou-se sempre em segundo plano, desempenhando um papel muito secundario.

Em Andrinopolis, os turcos não souberam tirar todas as vantagens defensivas que essa posição oferecia, não obstante a abundancia das munições de que se achavam providos.

Os bulgaros possuíam um excelente serviço de informações, por meio dos quais sabiam habilmente ocultar ao inimigo a direcção dos seus ataques.

Do estudo das campanhas balticas tiram-se as seguintes conclusões :

a) O tiro de artilharia bem corrigido e rectificado póde anular o fogo de outra artilharia, quer esta esteja ou não a coberto ;

b) Num duelo entre uma bateria mascarada ou a coberto e outra a descoberto, a vantagem está sempre do lado da primeira ;

c) O duelo é nulo entre duas baterias mascaradas a coberto ;

d) Toda a bateria em flagrante delicto de manobra é uma bateria de ante-mão perdida :

e) Durante a noite, as bocas de fogo devem ser movidas a braço ;

f) O fogo de frente contra a infantaria á distancia de 20^m não é decisivo ; sequer um fogo de flanco ou obliquo para atingir uma tal ou qual efficacia.

Emfim, a artilharia pesada desempenhou um importante e bem assinalado papel. O frrcasso de Tchateldja foi em grande parte devido á ausencia dessa especie de artilharia.

Na actual conflagração europeia.— São permaturas quaisquer conclusões com caracter definitivo a respeito do emprego da artilharia na actual-conflagração europeia.

A artilharia pesada dos aliados teutões tem até este momento alcançado os mais extraordinarios resultados. O canhão ligeiro de campanha alemão é considerado inferior ao 75 francês. A existencia do morteiro 42, tantas vezes posta em duvida, foi afinal reconhecida como verdadeira.

Os efeitos da artilharia pesada em Liége, Namur e Meubenge foram terribes ; cupulas daço foram destruidas com uma rapidez assombrosa e os seus defensores asfixiados pelos gazes das explosões.

Para se furtar aos efeitos dissolventes do fogo da artilharia pesada, teve a infantaria necessidade de se entrincheirar, escolhendo, sempre que era possível, posições desenfiadas dos fogos e das vistas do inimigo.

O grande alcance dos canhões de grosso calibre e o exito atingido pelos aeroplanos na pratica dos reconhecimentos e explorações revolucionaram nos seus fundamentos a tactica de informações.

Hoje destacam-se para a frente, a distancias consideraveis das baterias, officiais observadores, escolhidos entre os mais habéis e inteligentes.

Na sua marcha envolvente sobre Paris, os alemães empregaram a artilharia ligeira lançando mão das fortificações improvisadas para mascarar ou cobrir as suas baterias.

Do outro lado, o efeito destruidor dos projecteis explosivos franceses obrigaram-os a refugiar-se em posições cobertas a 500 e 800 metros á recta-guarda das cristas.

Além disso, cobrem as peças para ocultal-as dos reconhecimentos e observações dos aviões, mudando constantemente de posições afim de desoriental-os.

Na frente ocidental, o obuz ligeiro alemão é incontestavelmente superior ao dos aliados.

Outros tipos de canhões, entraram em acção ; entre elas cumpre registrar os lança-minas (*mínenwerfer*), os canhões contra aeroplanos e dirigiveis montados em plataformas automoveis.

Os aliados de Inglaterra afirmam ter alcançado em materia de canhões, a mesma eficiencia dá dos alemães.

Outro facto digno de ser assinalado é que a artilharia russa tem patenteado ser mais aperfeiçoada e eficaz do que a principio julgaram os tecnicos alemães.

Em questões de aproveitamento e utilização do terreno para construção de abrigos e trincheiras, os russos são inimitaveis, ninguem os excedendo.

Os seus postos de observação são situados a consideravel distancia das baterias ; os seus reconhecimentos na frente hostil, os mais perfeitos e o serviço de informações nada deixa a desejar.

Em compensação, são peritos no consumo exagerado de munições, o que demonstra grande indisciplina no fogo.

A guerra surpreendeu os franceses com uma dotação insufficiente da artilharia pesada, devido á confiança ilimitada que consagravam aos seus famosos 75 milímetros.

Essa deficiencia acaba de ser preenchida. Na batalha do Marne houve em media 600 tiros por boca de fogo. O seu projectil mais eficaz tem sido a grana-da explosiva, que realmente possui um grande poder destruidor.

Os franceses estabelecem se mais habilmente em posições desenfia-das, cobrindo e simulando a posição das suas baterias, sendo difficil descobri-las.

Com os meios que hoje se dispõem na direcção e conducta do fogo, os comandantes de grupos mantem-se a grande distancia das suas unidades, ficando incolumes ao fogo adverso.

Os ingleses preconizam o emprego da artilharia pesada ; usam frequentemente das posições a coberto por detraz das cristas e ligam grande atencção em subtraí-las aos reconhecimentos e ataques dos aviões.

As comunicações por meio de semaforos visuais são impraticaveis; em seu logar imperam as acusticas, utilizando-se de aparelhos mais ou menos sonoros.

Parece que o emprego das escadas-observatorios está mais ou menos condemnado. É preferivel lançar mão do proprio pessoal das baterias para essas observações a distancia.

A inter-comunicação da artilharia e da infantaria realisa-se por officiais convenientemente instruidos nesse mister.

Antes de chegar-se a *conclusões concretas* a respeito dos ensinamentos deduzidos da guerra atual, deve-se ter em vista especialmente as condições especiais em que as acções se desenvolvem no teatro ocidental. Não obstante, póde-se sem grande erro, afirmar que :

a) a artilharia de futuro atirá a maiores distancias ,

b) a coordenação dos esforços da artilharia e da infantaria é cada vez mais necessária, indispensavel, imperiosa mesmo ;

c) as baterias devem ocultar-se o mais possivel dos reconhecimentos e observações aereas ;

d) os aeroplanos são auxiliares indispensaveis á acção da artilharia ;

e) a utilização dos observadores nos postos avançados exige uma grande perfeição nos meios de comunicação, cuja base serão o telefone e os aparelhos aereos.

Vida aparente dos mortos em batalha.—Acontece com certa frequencia que se veem pessoas mortas sem modificação aparente na fisionomia, salvo a lividez. A vida apagou-se como uma lampada cujo azeite se houvesse consumido. Sobreveiu a rigidez cadaverica, pouco a pouco, progressivamente, segundo a lei de Nysten : o fenomeno principia nas mandibulas, estende-se até á nuca, aos membros superiores e finalmente, aos inferiores e aos membros do abdomen.

Mais raros são os espasmos musculares, que sucedem imediatamente á morte, e mantem o cadaver, na mesma attitude de individuo no momento em que a vida se lhe extinguiu.

Refere o Dr. Matignan, na «Revue Scientifique» que teve occasião durante a batalha de Mukden, de observar tres soldados, japoneses, mortos por projecteis russos de pequeno calibre a uma distancia diminuta : esses cadaveres tinham conservado o seu gesto de combate,

O frio da atmosfera, juntando-se á rigidez cadaverica, os havia fixado definitivamente na sua posição. Recordavam os granadeiros descritos por Victor Hugo, na retirada da Russia : «... muets, planes de givre—Collant leur bouche en pierre aux trompettes de onore».

Outras declarações interessantes foram feitas pelo Dr. Matignon.

«A 10 de março, escreve ele, a 5.^a divisão japouesa, com a qual eu fazia a campanha, apoderava-se de Scio-Ta-Tac. Desde o principio do mez, a temperatura oscilava, á noite, entre 10 e 12 graus e entre 2 e 4 durante o dia, sempre abaixo de zero. Aí cheguei algumas horas depois de terminado o combate. Os cadaveres não tinham sido ainda deslocados para a identificação. A 80 passos do reducto, os japoneses tinham caído em massa, perfeitamente alinhados, em diversas posições. Dois cadaveres me atraíram particularmente a attenção pela sua attitude. Um ajoelhado, visava um ponto com a espigarda.

A bala que mortalmente o ferira, tinha-se cravado na base do pescoço. Não observei vestigio de hemorragia abundante. Junto dele, vi outro cadaver numa attitude cataleptica. Ele fôra morto no momento em que se levantava do solo. A bala, penetrando sob a clavicula esquerda saíra entre a columna vertebral e o bordo interno da omoplata esquerda. Notei que a hemorragia externa fôra pouco abundante. O morto apoiava-se ao solo com a mão esquerda ; na direita segurava a espingarda. As pernas estavam rigidas.

Outro cadaver, que vi no mesmo dia, dava verdadeiramente a impressão de uma estatua. Tinha um joelho em terra e nele apoiado o ante-braço esquerdo ; trazia na mão a espingarda na mais notavel attitude. Nenhuma contracção na fisionomia. O projectil lançado de um reducto russo, a 400 metros de distancia, havia ferido o soldado no peito».

Observações analogas foram feitas tambem nas guerras do primeiro Imperio francês, na Crimeia, na Italia, na campanha americana da secessão e na guerra franco-prussiana, em 1870.

O *Morning Herald* de 8 de novembro de 1834, publicava uma descripção do campo de batalha de Inkerman, enviada pelo seu correspondente de Crimeia: «Muitos cadaveres pareciam sorrir, outros tinham uma expressão ameaçadora; uns de joelhos, apertando convulsivamente a espingarda, mordiam o cartucho, varios traziam o braço erguido, como se quizessem evitar um golpe ou invocassem Deus numa prece suprema».

Uma testemunha da batalha de Alma escrevia: «Emquanto eu percorria o terreno, apoz 2 horas de combate, tive a estupefacção de ver numerosos cadaveres que mantinham atitudes e expressões da face tais, que pareciam estar vivos. Dir-se-ia de alguns que tinham a palavra nos labios e sorriam para o ceu, numa especie de beatitude exaltada. Um desses estava um pouco inclinado sobre o flanco, com os joelhos dobrados, as mãos juntas e erguidas para cima, a cabeça levantada, como murmurasse uma oração.

O vento, que soprava impetuosamente, dava a impressão de animar aquelles cadaveres. Podia-se ver que aquelas longas fileiras de homens iam recommençar o combate.

O Dr. Armand, medico da ambulancia do 4.º corpo de exercito da Italia, percorreu o campo de Magenta, no dia immediato á batalha, e viu que «os mortos feridos na cabeça, apresentavam quasi todos uma atitude de vida. Muitos, tinham ainda na mão a espingarda. Um soldado mostrava os braços estendidos: combatera corpo a corpo numa luta desesperada. Na frente de Magenta, um hussard hungaro, que morrera ao mesmo tempo qua o seu cavallo, permanecia perfeitamente na sela, um pouco inclinado, com o sabre apontado contra o inimigo, no acto de se lançar contra ele. Na sua frente via-se o orificio praticado por uma bala. Tambem o cavallo fôra ferido na cabeça. As duas mortes tinham sido instantaneas».

O caso mais extraordinario, porém, foi observado pelo sr. Brinton na guerra da secessão na America.

«As tropas do norte surpreenderam um esquadrão de cavaleiros do sul, que repousavam, e atiraram sobre elles. Os cavaleiros conseguiram saltar á sela e fugir, menos um que ficou junto ao cavallo, com o pé esquerdo no estribo e o direito em terra. A mão esquerda segurava a redea e a crina do animal; a direita empunhava a carabina, apoiada no solo. A cabeça estava voltada para o inimigo. Foi-lhe intimado que se rendesse; ele não respondeu, os do sul aproximaram-se e perceberam, então, que o soldado estava morto, numa rigidez completa. Foram necessarios grandes esforços para lhe retirar da mão esquerda a redea e da direita a carabina.

O cavaleiro foi ferido por dois projecteis, no peito e na frente. O cavallo não se movera, porque o soldado, na sua pressa havia-se esquecido de o desprender da estaca a que o amarrara».

Durante a campanha de 1870, Rosbach viu um cavallo ao qual um projectil vertebral a coluna servical e que permanecera na atitude de saltar, com as pernas anteriores dobradas, e as posteriores fortemente enrijadas.

Um grupo de 6 combatentes (refere ainda Rosbach) comia em uma pequena depressão do solo. Um projectil, rebentando entre eles, matou-os.

24 horas depois, um deles, a que o projectil arrancara o craneo, tinha ainda na mão um copo de estanho, que ele aproximava da boca.

Para que se tenha essa catalepsia «post mortem» é necessario que a morte haja sido instantanea, sem agonia, porquanto esta supõe um relaxamento muscular. Cumpre, além disso, que ela surpreenda o individuo em um estado de contracção muscular, de maneira que a rigidez cadaverica suceda imediatamente á contracção normal da vida.

Os homens de sciencia que teem estudado esse fenomeno da vida aparente nos cadaveres, são concordes em admitir que ela só se póde apresentar nos casos de consideravel destruição da massa encefalica e da região bulbar. As observações de Armand, Rosbach e Falck nenhuma duvida permitem nesse sentido.

Não se deve, porém, esquecer que a função bulbar póde ser destruida sem que o bulbo seja lesado. Assim se explicam as atitudes mantidas nos corpos victimados pela fulguração. Á mesma causa são atribuíveis as mortes provenientes de grandes cataclismos, como por exemplo o terramoto de Martinica. O paroco da igreja de S. Pedro foi achado morto sem a menor lesão aparente, com o cruxifixo na mão, numa atitude de prece. Outro cadaver foi, igualmente encontrado de joelhos ao pé de uma imagem da Virgem.

O estudo dos fenomenos de catalepsia «post mortem» é importante tambem sob o ponto de vista de medecina legal. Ás vezes, trata-se de saber se houve assassinato ou suicidio, quando, por exemplo, se vê um revolver na mão de um morto. Fôra a arma colocada na mão da victima pelo assassino no momento em que principiava a sobrevir a rigidez cadaverica? Caíra o cadaver, com a arma na mão, na atitude de quem a disparou?

O assunto não é só interessante pela sua macabra curiosidade como tambem pelos ensinamentos praticos que sugere».

(Da *Medicina Militar*, do Rio de Janeiro).

Vida das trincheiras. — «A França pouco conhece o modo de viver de seus heroicos filhos, entrincheirados ao longo da linha da frente, que se estende num desenvolvimento de 1.000 kimometros, das praias do Mar do Norte ás fronteiras alcantiladas da Suissa.

«A minha divfsão ocupa um sector tomado e retomado ao inimigo apoz grandes sacrificios. E para consolidar a posse foi necessario o emprego de consideraveis esforços e o dispendio de enormes energias.

«Esse feito de armas repercutiu-se em todo o país, sendo o tema em torno do qual se moldaram as noticias dos jornais nas suas varias e multiplas impressões.

«A manutenção e sustentação das linhas é um problema muito mais difficil e penoso do que a propria conquista, pois a destruição da posição iniciada pela artilharia atacante, é terminada, pelo proprio defensor no momento em que é obrigado a abandonal-a.

Ao tomarmos posse da linha, ha necessidade urgente de proceder-se a novas excavações; de restaurar, reorganisar e consolidar as trincheiras reconquistadas. Para isso é mister revolver-as, reforçal-as com sacos de areia, troncos de arvores, escombros das habitações adjacentes demolidas, adaptando-as ao nosso modo de combater.

Esse trabalho exaustivo é executado quasi sempre á noite, obedecendo a um método perfeitamente delineado ; daí as dificuldades a vencer e os obstaculos a transpôr.

«A segunda linha de trincheiras. os zig-zags que ligam as duas linhas entre si ; os abrigos, as trincheiras, chamadas de atiradores, avançadas e de apoio numa extensão consideravel, exigem excavações profundas e grandes movimentos de terra.

«Uma boa trincheira deve apresentar *profundidade, parapeito e banquetta* suficientes de modo a oferecer abrigo e protecção aos defensores e *grande eficacia* ao tiro.

«As defezas accessorias construidas na frente das trincheiras e as pequenas instalações no interior, que passavam outrora desprecebidas e mesmo desnecessarias, são hoje de um interesse e cuidado sem exemplo. Ninguem cogitara que assumiriam tal importancia.

«A chuva é o nosso maior inimigo. Além dos inconvenientes fisicos e morais que acarretam ás tropas, produzem consideraveis damnos ás construções ; excavam, deformam, arruinam as paredes das trincheiras abertas, em geral, numa profundidade de 10 metros abaixo da superficie do solo.

«E para reforçal-as, dando-lhes maior estabilidade, é preciso revesti-las de caniçados, cestões, pranchas, etc., e provido o solo de um estrado movel de madeira.

«Parece paradoxal afirmar-se que o trabalho de trincheiras nas proximidades do inimigo é muito mais facil e menos perigoso que nas posições mais afastadas. A artilharia hostilisa mais insistentemente as trincheiras da segunda linha que os de primeira.

Uma pá, uma picareta, ou qualquer outro instrumento de sapa deixado durante o d'ia ao acaso sobre o parapeito é o suficiente para atraír um fogo vivo, intenso sobre a obra.

Os abrigos de 1.^a linha não oferecem ségurança : ao contrario, ali o perigo cresce de momento a momento, atenta a fragilidade de construção. Um pouco mais á rectaguarda, as trincheiras são mais fortes, mais solidas e resistentes.

O rez do-chão e os subterraneos dos edificios em redor são aproveitados para abrigo das tropas ou para deposito de material.

O serviço telefonico da divisão, abrangendo todas as suas dependencias, absorve 125 milhas de fios.

O sector é como um pequeno mundo para os officiais e praças da divisão. As trincheiras e os zigs-zags recebem denominação diversas, consoante os feitos e os mortos que cahem no campo da honra. Certos sinais evocam a cada passo nesse labirinto imenso as datas e os nomes queridos, cuja memoria se quer perpetuar.

*

«A divisão subdivide-se pelas diversas secções dos trechos do sector, tacticamente, em *primeira linha e reserva*.

As fracções que formam a *primeira linha* estão muito expostas á acção dos ataques nocturnos e das granadas de mão lançadas pelo inimigo do que aos fogos da artilharia. Ao contrario succede as de *apoio* ou *reserva* constan-

temente batidas, flageladas pela influencia devastadora e dissolvente dos canhões, ocasionando perdas mui consideraveis.

«Para poupar, economisar tropas, *um* terço da *reserva* é disposto em acantonamentos a quatro ou mais quilometros á rectaguarda das trincheiras de apoio.

«Os rigores e agruras do serviço são igualmente compartilhados por todas as tropas, que nele se revesam metodicamente.

De 12 em 12 dias uma companhia de um dos batalhões dos regimentos destacados na *primeira linha* passa tres dias na linha da *frente*, face a face ao inimigo, tres em acantonamentos restrictos exposta aos fogos da artilharia e os seis restantes em acantonamentos de repouso.

«Esses 12 dias de fatigante serviço são seguidos doutros 12 de relativo descanso ou reserva mediante uma tal ou qual escala; 3 em posição de alerta ou de prontidão, 3 em local mais ou menos perigoso e 6 metros em segurança.

«Durante o dia gosa-se de alguma tranquilidade, mas á noite ninguem absolutamente pode dormir. É um inferno. A vigilancia torna-se excessivamente perigosa e todos estão atentos nos seus postos.

«Todas as tropas, inclusivé territoriais e cavalaria, tomam parte nos arduos trabalhos de sapa.

«A artilharia é a arma primordial por excelencia, continuamente em acção destruindo os obstaculos, preparando o caminho ás demais armas e mantendo o inimigo a grandes distancias; atirando de acordo com os resultados obtidos pelas suas proprias observações e pelas informações colhidas, já pela cavalaria, já pela infantaria e pela invenção.

«O tempo de repouso é exclusivamente moral; não se descança fisicamente. Os exercicios de marcha, combate, lançamento de granadas de mão; de brigada, regimento, batalhão e companhia executem-se diariamente, e succedem-se uns aos outros.

«Graças a esse modo de viver de uma divisão nas trincheiras, as qualidades das nossas tropas tem-se desenvolvido de um modo admiravel e atingido esse gráu de eficiencia que, ha 14 meses de guerra, causam admiração e surpresa ao proprio adversario.

Uma divisão póde moralmente ser considerada como um individuo; tem a sua fisionomia propria, o seu orgulho inacto, o seu espirito militar caracteristico e as suas tradições privativas.

Cada unidade orgulha-se dos seus proprios feitos, constituindo as paginas de um livro heroico, fonte perenne de ensinamentos patrioticos.

«Os recrutas deixam-se arrastar, excitar, exalçar pelas provas morais dadas pelos veteranos e pelos actos de valor e bravura postos em relevo pela divisão, e esta, por sua vez, transforma-se numa entidade viva, de percepção nitida e sentimentos elevados.

«A presente guerra faz resaltar uma das qualidades da arma de infantaria ainda não explorada pelas campanhas anteriores: *a impossibilidade habitual aliada a uma iniciativa inteligente e bem orientada.*

«A sua coragem não é producto de temeridade; ao contrario, é a resultante da calma esclarecida, circumspecta e criteriosa, comportando-se admiravelmente nos momentos dificeis, oonvicta dos perigos que a assediam.

«O momento heroico, épico, em que as unidades atacantes deixam, á voz

dos seus oficiais, as trincheiras para assaltar as do adversario, é esperado com tal abnegação e serenidade, que, em qualquer outras circunstancias, bem mereciam que nos lançássemos de joelhos, cheios de admiração, orgulho e respeito, ante esses devotados soldados, que, conhecendo não só o perigo como sentido a magnitude do dever que lhes é imposto, vão fria e resolutamente afrontar o inimigo, arrastando serena e tranquilamente a morte em defesa da honra e integridade da patria».

(Do *International Military Digest*).

II

PARTE MARITIMA

O canhão alemão de 17 polegadas.—Em um artigo que no *Dail News and Leader* escreve o sr. James Douglas, trata da possibilidade da esquadra alemã, constituída de navios dotados de canhões de 17 polegadas cuja existencia se guardava a maior reserva, atacar a esquadra inglesa, e esta, apesar dos seus numerosos navios e poderosos armamentos, pôde ser destruída pelos mesmos canhões alemães. Comentando o correspondente que em Berlim teve o *Naval and Military Record*, o sr. Heitu C. Bywater, as questões mais interessantes deste artigo, diz que, sob o ponto de vista tecnico, as suposições do auctor, ao dizer que está admitida universalmente a supremacia dos canhões de maximo calibre, tanto no mar como em terra, são extremamente exageradas. Como é sabido, por quem tem seguido a politica naval alemã, nunca neste país se ligou importancia decisiva ao super-calibre.

A Alemanha foi uma das ultimas potencias que adoptaram calibres estremos para os seus couraçados. Antes de 1913, continuava armando os seus dreadnoughts com baterias de 12 polegadas, e a decisão de aumentar o calibre até 15, nos navios mais modernos, foi resolvido apoz largas deliberações.

E, pôde admitir-se na realidade que algum combate naval, na presente guerra, tenha convencido o almirantado alemão de que os seus calculos foram errados a respeito deste ponto? O combate dos Malvinas cita-se com frequencia como o triunfo do canhão de grosso calibre, triunfo mui relativo, posto que os 16 canhões de 3,5 polegadas do Schanhorst a Guisenau tiveram na frente 16 de 12 polegadas, do Invencível e Inflexível, sendo o resultado uma conclusão prevista. E' como se invertendo as condições, se travasse um combate entre os navios da especie *Von der Tann*, e do tipo *Warrior*, cuja victoria em favor dos alemães podia igualmente dar-se por segura desde o principio.

No combate das Malvinas a victoria do calibre superior não foi tão grande como a parte correspondente ao numero de peças.

Unicamente no combate naval, no *Dogger Bank*, estiveram ingleses e alemães, com respeito a canhões de grosso calibre, proximamente nas mesmas condições. Os combatentes meteram em fogo as seguintes peças: Inglaterra, 24 de 13,5 polegadas, e 16 de 12; Alemanha, 8 de 12, 20 de 11 e 12 de 8,2. Embora os alemães tivessem sido batidos nesta ação, mas ficaram aniquilados,

como devia succeder, se a inherente superioridade do grosso calibre fosse tão pronunciada como pareceu julgar o sr. Douglas e muitos outros críticos navaes. Prescindindo do Bücher, o qual não podia considerar-se como uma unidade cujo armamento principal fôsse de grosso calibre, nenhum dos navios alemães foi inutilisado pelo fogo dos canhões de 13,5 polegadas da esquadra britanica na qual, pelo contrario, um dos seus navios ficou fóra de combate por causa dos projecteis alemães de 12 polegadas. Assim, os alemães podem sustentar rasoavelmente que no primeiro encontro entre dreadnoughts se provou que as suas teorias são fundadas, e que os seus navios armados com canhões de 12 polegadas e até 11, não tem que receiar dos ingleses, que montam peças de 13,5.

A Alemanha pôde, como diz o sr. Douglas, ter construido canhões navaes de 17 polegadas, mas então a conversão ás doutrinas do super-calibre foi ali extraordinariamente rapida. Poderá dispor de alguns vasos construidos expressamente para levar nova artilharia. Os seus estaleiros são numerosos, bem equipados, e se a guerra der tempo bastante e o aprovisionamento de materiais poder realizar-se, não tem razão para encontrar dificuldades na construção de uma esquadra de superdreadnoughts. Mas durante o tempo que estes navios levarão a ultimar-se, a marinha ingleza acrescentará, por sua vez, um maior numero de unidades dotadas de canhões de 15, egual ao total das esquadras cujas unidades pessuem peças de 13,5 e 12. Os alemães são demasiado optimistas, se julgam que a acção da sua marinha de uma esquadra de superdreadnoughts, com peças de 17 polegadas, será sufficiente garantia para obter a victoria. E como podem estar certos de que no dia do combate não encontrarão a esquadra inimiga possuindo a seu turno, peças eguaes ou mais poderosas ainda?

O rearmamento da esquadra com canhões monstruosos é uma historia já antiga. No caso de certos navios poderá ser possivel substituir os primitivos armamentos por outros mais pesados, á custa de os reconstruir quasi por completo, de muitos meses de trabalho, e de que perdem parte da sua velocidade e resistencia de estructura.

Será mais vantajoso sob todos os pontos de vista, construir novos navios, e como os alemães são eminentemente praticos, seguramente terão feito isto desde o principio, se consideram a peça de 17 como o ideal para o combate.

As pessoas, que tão ligeiramente falam do rearmamento da esquadra, devem examinar o lado pratico de tal processo. Verão, então, que os canhões de 12 polegadas, os quais representam o armamento de 13 dreadnoughts dos 19 que a Alemanha tem concluidos, pesam precisamente 45 toneladas, enquanto que os de 17 pesarão pelo menos 125 toneladas, e o peso dos reparos aumentará proporcionalmente. Por conseguinte, um navio que primeiramente tenha 10 canhões de 12, não pode comportar mais de 4 do novo calibre, sem reduzir consideravelmente a sua estabilidade, velocidade e resistencia. Além disso as modificações estructuraes necessarias para a substituição serão de character tão radical e dispendioso que será quasi impossivel leval-as á pratica. Por estas razões, a suposição de que a esquadra alemã pôde saír algum dia com todos os seus Nassaus, Helgolands, Kesers, e Koenigs convertidos em superdreadnoughts com peças de 125 toneladas, não tem fundamento serio.

Não é tão evidente, como afirma o sr. Douglas, a existencia na Alemanha de canhões de 17 polegadas. Diz que as granadas que caíram sobre Dunkerque, na primavera passada, eram deste calibre, mas esta affirmativa procede, de certo, de uma má informação.

Conforme dizem os jornais francezes, os projecteis eram de 15 polegadas. Eram provenientes, indubitavelmente, de um canhão naval ou de um tipo especial destinado á defesa das costas. A existencia destas peças conhecia-se perfeitamente antes do ano de 1913, quando os alemães annunciaram a adopção deste modelo para os novos couraçados. Mas que uma peça mais nova e mais pesada haja de ser substituída, é já outra questão. De certo que o canhão de 15 não é o maior que pode utilizar a esquadra alemã. As ultimas tabelas publicadas pela casa Krupp, em fins de 1913, trazem as características de um modelo de 16 polegadas, com 81 a 104 toneladas, que disparam projecteis de 2000 libras. Mas, isto não indica que o tal modelo tenha sido construido ultimamente.

Em resumo: não é provavel uma surpresa produzida pela artilharia naval alemã. Os profissionais neste país teem, todavia, ilimitada confiança nos canhões que montaram até agora nos seus navios, e, como vimos, nada occorreu que possa fazer mudar este pensar. Sómente, um grande combate naval entre os melhores vasos dos beligerantes, e não as acções navais até hoje occorridas, pode decidir, tanto na Inglaterra como na Alemanha, uma mudança radical no rumo seguido em materia de artilharia. A adesão da Alemanha aos calibres moderados, foi baseado nas experiencias realizadas durante alguns anos, incluindo exercicios de fogo periodicos sobre alvos representados por navios couraçados, cujos exercicios se levaram a cabo, sob condições tão similares ás da guerra como é possível obter.

(Do *Naval and Military Record*).

Novos submarinos alemães—Noticias da Holanda confirmam que os alemães constroem submersiveis de novo tipo, desprovidos de periscopio, sendo este substituído por uma engenhosa combinação de espelhos e lentes, para explorar a superficie do mar.

O uso do novo aparelho exigirá que o submarino navegue a muito pequena profundidade; mas, em compensação, descobri-lo a distancia será muito mais difficil do que quando levam periscopio.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Portugal

- 1 CHRISTOVAM AYRES de Magalhães Sepulveda, coronel de cavalaria da reserva, etc. *Historia organica e politica do exército português. Provas. Vol. xi. Guerra Peninsular.* Um vol. in-4.º, de 364 p. Imp. da Universidade, Coimbra, 1916.
- 2 IDEM. *Teoria da Historia da Civilização Militar.* 4.ª edição, correcta e consideravelmente aumentada. Um vol., in-4.º, 273 pag. Idem, idem.

França

- 1 DOUCHEZ (A), avocat. *Guerre de 1914-1915*. Recueil de lois, décrets, circulaires, etc. concernant la France et spécialement l'Algérie. In-8, 140 p. Alger, 1915.
- 2 GOUYON (sous lieut. de). *Aide-Mémoire de l'artilleur automobiliste*. Entretien des véhicules. Conduite des véhicules. Instructions techniques. In-16, 31 p. Chalons-sur-Marne, 1916.
82^e régiment d'artillerie automobile, 10^e groupe.
- 3 *Instruction sur la tenue, le paquetage et le transport des effets et des vivres dans les unités de l'artillerie*. Approuvé par le ministre de la guerre le 19 octobre 1912. In-12, 148 p. avec figures. Imp. Nationale, 1915.
Ministère de la guerre.
- 4 *Mitrailleuse (la) américaine Colt*. 6^e édition. In-12, 40 p. avec fig. Ch.-Lavauzelle, Paris, 1916.
Mitrailleuses étrangères.
- 5 *Mitrailleuse (la) anglaise Vickers*. 8^e édition. In-12, 48 p. Ch.-Lavauzelle, Paris, 1916.
Mitrailleuses étrangères.
- 6 *A la guerre le soldat conserve avec soin : Ses munitions ; ses vivres de réserve ; son outil portatif. Ne jamais gaspiller ses munitions*. In-16, 8 p. avec fig. Laval.
- 7 BARZINI (Luigi). *Scènes de la grande guerre*. Traduction. In-16, vii-347 p. Payot et C^{ie}, Paris.
- 8 BAUDOIN (P.), ancien officier de réserve. *Historique de la guerre*. In-16, 64 p. Fascicule 26. Niort 25 cent.
- 9 FABREGUETTES (P.) conseiller à la Cour de cassation. *Les batailles de la Marne (4-15 septembre 1914)* 7^e édition. In-8, 123 p. avec portraits. Etampes.
Extrait de La Grande Revue.
- 10 HANOTAUX (G) de l'Académie Française. *Histoire illustrée de la guerre de 1914*. Fascicules 35 et 36. N.º 35, p. 185 à 208 ; n.º 36, p. 209 à 232. Paris, le fascicule, net. Fr. 1
- 11 JEHAY (comte Fr. de). *L'Invasion du grand-duché de Luxembourg en août 1914*. In-8, viii-64 p., Perrin et C^{ie}, Paris, 1916.
- 12 PETIT (M.), avocat. *Code rural de la guerre. Moratorium. Fermages. Métaayages. Chasse. Pêche. Impôts. Bois. Travail agricole. Successions*. In-8, 64 p. Larousse, Paris, 1916.
- 13 REINHACH (J.). *Les lois anti-alcooliques et la guerre*. Conférence. In-8, 32 p. Paris, 1915. Cent. 50
- 14 ARAGON (H.), membre de la Société française d'archéologie. *Les guerres dans l'antiquité et la guerre moderne. Les Tranchées et les mines. Le combat, l'assaut, l'artillerie. Les machines. Les secours aux blessés, les enseignes. Le Drapeau : l'amour de la patrie. La Bataille de la Marne*. Tome 1^{er}. In-8, 256 p. Perpignan, 1916.
- 15 CIVRIEUX (commandant de). *Les Étapes vers la victoire. 1914-1915*. In-8, 284 p. Paris. Fr. 3,50
- 16 DAZET (G) *Les Orphelins de la guerre. Leur situation juridique*. In-8, 16 p. Giard et Brière, Paris, 1915.
- 17 *Foyer (le) du soldat de Paris*. Fondé en 1893 par M.^{me} E. Louis Germond. *L'Oeuvre pendant la guerre 1914-1915*. In-8, 15 p. Imp. Tancrède, Paris.
- 18 GAMEL (E.), ancien interne des hôpitaux. *Contribution à l'étude des blessures du crâne par projectiles de guerre* (thèse). In-8, 200 p. avec graphiques. Jules Rousset, Paris, 1915.
Faculté de médecine de Paris. Année, 1915.
- 19 *Instruction sur le service de l'artillerie dans la guerre de siège*. Ap-

- prouvée par le ministre de la guerre, le 19 juin 1913. In-12, 153 xvi p. avec planche. Imp. Nationale. Paris.
- 20 KOUINDJY (docteur P.), chargé du service de rééducation et de massage à la clinique Charcot de la Salpêtrière, etc. *La Kinésithérapie de guerre. La mobilisation méthodique. La Massothérapie. La Rééducation.* Petit in-8, 392 p. avec 183 fig. Maloine et fils. Paris, 1916.
- 21 LUMET (L.) *La défense nationale. Un an de guerre. I: Discours, circulaires, documents officiels.* In-16, xxxi-343 p. Boccard. Paris. Fr. 3,50
- 22 BRETON (commandant Willy), de l'armée belge. *Un régiment belge en campagne (1^{er} août 1914-1^{er} janvier 1915). Quelques fastes du 2^e chasseurs à pied.* Avec 3 cartes. I, de Mons à Perwez. II. Sur la Gette. III. Sous les murs d'Anvers. IV. La retraite vers la côte. V. Sur l'Yser. VI. La Résurrection. In-16, 130 p. Berger-Levrault, Paris, 1916.
- 23 GRIMAUTY (F. H.) artilleur-cycliste. *Six mois de guerre en Belgique.* Août 1914-février 1915. In-16, 320 p. Perrin et Cie, Paris.
- 24 *Aide-mémoire de l'officier d'état-major en campagne.* In-18, vi-882 p. avec fig. Ch.-Lavauzelle, Paris, 1916. Fr. 5
- 25 *Archives de la guerre.* Volume mis à jour à la date du 27 décembre 1915. In-8, 245 p. Ch.-Lavauzelle, Paris, 1915.
Ministère de la guerre. N.º 10.
- 26 *Instruction du 18 novembre 1909 sur le fonctionnement du service télégraphique aux armées.* In-8, 32 p. Ch.-Lavauzelle, Paris, 1915.
Ministère de la guerre.
- 27 *Instruction relative au mode d'approvisionnement en médicaments et matériel au service courant des infirmeries régimentaires.* (Troupes métropolitaines et coloniales). In-8, 24 p. Ch.-Lavauzelle, Paris.
Ministère de la guerre.

Inglaterra

- 1 *A B C Guide for Attested and Unattested.* 32mo, swd. E. J. Larby 1d
- 2 RADEN-POWELL (W.) *Sea Scouting and Seamanship for Boys.* New ed. Cr. 8vo, swd., pp. 198. J. Brown. net 1/6
- 3 BRASSEY'S *Naval Annual, 1916.* Conducted by Earl Brassey. Edited by John Leyland. (War Edition). Cr. 8vo, pp. 324. Clowes net 10/
- 4 BROWNE (G. W.) *Courts-Martial for Presidents and Members.* Small 4to, pp. 116. Harrison & Sons. net 5/
- 5 BUCHAN (John) *Nelson's History of the War.* Vol. XII. The Retreat from Bagdad, the Evacuation of Gallipoli, and the Derby Report. Cr. 8vo, pp. 246. Nelson net 1/3
- 6 CABLE (Boyd) *Action Front.* Cr. 8vo, pp. 280. Smith, Elder net 5/
- 7 CABLE (Boyd) *Doing Their Bit: War Work at Home.* With a Preface by the Right Hon. David Lloyd George. Cr. 8vo, pp. 134. Hodder & S. net 1/3
- 8 CAMERON (R. D. J.) *Infantry Scouting.* A Practical Manual for the Use of Scouts in Training at Home and at the Front. 18mo, bds, pp. 120. J. Murray net 1/
- 9 CODDINGTON (F. J. O.) *Soldier's Guide to obtaining State Assistance under the Military Service (Civil Liabilities) Regulations.* 12mo, pp. 86. Gale & Polden. net 1/
- 10 *Crusading at Anzac, Anno Domini 1915.* Pictured and Described by Signaller Ellis Silas. Cr. 8vo. British Australasian net 2/6
- 11 *Dictionary of English and German Military Terms, and of other Words Useful to Officers.* Part II. English-German. Edited by Captain C. F. Atkinson. 18mo, pp. 180. Hugh Rees net 2/6
- 12 FIENNES (Gerard) *Our Navy At War.* Cr. 8vo, swd., pp. 128. Newnes net 1/
- 13 *Fleets of the World, 1916.* Classified according to types. Oblong 8vo, pp. 198. E. Nash net 6/
- 14 *French Mother in War Time (A) Being the Journal of Madame Edouard*

- Drumont. Trans. by Grace R. Biver. Cr. 8vo, pp. 180. *E. Arnold*
net 3/6
- 15 *From Dug Out and Billet. An Officer's Letters to His Mother.* Cr. 8vo,
pp. 194. *Hurst & B.* net 2/6
- 16 GRANDE (Julien) *A Citizen Army. The Swiss System.* With an Intro-
duction by Colonel Feyler. Cr. 8vo, pp. 180. *Chatto & W.* net 3/6
- 17 INFANTRY Pocket Book. *A Concise Guide for Infantry Officers and*
N.C.O.'s. Compiled by Captain Leopold McLaglen. 18mo, swd., pp.
46. *Harrison* net 1/

Italia

- 1 ROSSI (Alfredo), maggiore d'artiglieria. *Manuale di fortificazione ad uso*
degli allievi ufficiali di complemento. Voghera, Roma, 1916. L. 1,50
- 2 IDEM. *Manuale di topografia ad uso degli allievi ufficiali di comple-*
mento. Idem, idem. 1916. L. 1,20
- 3 IDEM. *Manuale di tattica e servizio in guerra ad uso degli allievi uf-*
ficiali di complemento. Idem, idem. L. 2,50
- 4 IDEM, idem. *Manuale di organica militare ad uso degli ufficiali di com-*
plemento. Idem, idem. L. 3,00
- 5 GATLI (Angelo) capitano di stato maggiore. *La guerra senza confini. I*
primi cinque mesi (agosto-dicembre). Treves, Milano, 1915. L. 5,00
- 6 MOLINA (R.). *Esplosivi e modo di fabbricarli.* Terza edizione. Hoepli,
Milano, 1916. L. 4,50

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do club militar naval*, n.ºs 4 e 5 de junho e julho de 1916. Posto
radio-telegrafico de Monsanto. Estudo tactico do navio. Os aconteci-
mentos da actual conflagração. O combate naval de Jatlandia. O al-
cool factor da indisciplina. Marinhas militares. Necrologia.
- 2 *Boletim de administração militar*, n.º 7 de julho de 1916. As subsisten-
cias no exercito anglo-luso durante a Guerra Peninsular — Talavera,
1809. Serviços administrativos em campanha; revisão de regulamen-
tos. Ração de campanha. Deposito de subsistencias e fardamento de
étapes — Angola, 1915. Pesagem, armazenagem e conservação de ar-
tigos de subsistencias e de fardamento. Conservação das carnes. O
serviço de subsistencias na divisão de instrução. Alterações ao Regu-
lamento de mobilização. Africa oriental alemã. Reconhecimento de
fibras textis. Administração militar nas colonias. O quadro auxiliar.
Miscelanea.
- 3 *O Instituto*, n.º 7 de julho de 1916. Memorias de Carnide. Antigas pos-
turas da Camara de Vila da Horta (actualmente cidade) da Ilha do
Faial. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança. O
Fausto de Goethe. Historia da instituição da Santa Ordem da Cavala-
ria e das ordens militares em Portugal. Characteristics of Portuguese
literature.
- 4 *O Oriente português*, n.ºs 5 e 6 de maio e junho de 1916. Assentos de
obitos, no convento de S. Francisco de Assis. Documentos do arquivo
da fazenda. A horta do collegio dos jesuitas. Inspeção superior do
ensino publico na India portuguesa. Varia, variorum.
- 5 *Revista de artilharia*, n.º 144 de junho de 1916. Novos projecteis para
artilharia. Retalhos da guerra. O collegio militar. Variedades.
- 6 *Revista de engenharia militar*, n.ºs 1, 2 e 3 de janeiro e março de 1916.
Bases para o estudo do serviço de pioneiros em campanha. Ponte de
beton armado, sobre o rio Xarrama. Normas gerais atendidas nos com-
partimentos estanques e nas blindagens.

- 7 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 173 de julho de 1916. A raça bovina Barresã e a Maronesa. O ensino medico-veterinario. Transporte de animais. O mormo em Portugal.
- 8 *Revista dos sargentos portugueses*, n.º 13 e 14 de 15 e 30 de julho de 1914. As informações na armada. Sargentos ajudantes preteridos. Coisas de marinha. Um projecto. Justiça. O Legionario. Os novos artistas. Encontro. Cinzas. Artifices do exercito. Auxilio para rancho. Problemas taticos. Auxilio extraordinario para o exercito. Camaradagem. Regulamentos disciplinares. Promoções. As florestas e a guerra. Coisas de marinha. Serviços de saude navais. Promoções a 1.º sargento. Aos nossos assinantes e camaradas.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.ºs 276 e 280 de janeiro a julho de 1916. Experiencias de la guerra actual. Algunas cuestiones de utilidad para las tropas del arma de ingenieros. Directivas sobre el cuidado y conservación del armamento. Esperando los reclutas. Jurisprudencia militar. Escuela superior de Guerra — Memorias de los ejercicios n.ºs 6 (caballeria) y 7 (infanteria) desarrollados en Campo de Mayo. Sobre la instrucción de tiro en la infanteria. Directivas para la preparación de instructores. Normas para la instrucción de reclutas y reglas de conducta para los instructores. Comando de la bateria a la distancia. Comandos de brigada, de regimiento y de batallón y grupo. Cuestiones de caballeria. La fortificación en la artilleria de campaña. Oración patriótica pronunciada en una misa de campaña en «El Palomar». Puntos de vista y normas para la preparación y trabajos de la infanteria en los ejercicios de noche. Directivas para el periodo de compañía. Preparación de oficiales y suboficiales. Interesante documento historico — Foja de los servicios militares prestados por el general San Martin en el ejercito español. 1.ª conferencia de aeronáutica pan-americana, celebrada al 17 de marzo de 1916. Del servicio militar. Mision educadora del oficial. El ejercito argentino. El tiro de combate en la infanteria. Construcción de puentes sumergidas, de caballetes. Ligeras consideraciones sobre los n.ºs 43 y 44 del R. P. C. 1816-9 de julio 1916. Del Excmo. Señor Presidente de la Nación. Autógrafo de S. E. el Señor Ministro da guerra. Carta del general de division D. Ignacio H. F. Fotheringham. Autógrafo del teniente general D. Eduardo Racedo. Los tercios viegos de la Patria. Autógrafo del general de brigada D. Luis J. Dellepiane. Del disputado nacional general de division D. Rafael M. Aguirre. Los ganchos de la Independencia. Autógrafo del coronel D. Isaac de Oliveira Cesar. Nuestra justicia militar. 9 de Julio de 1816. Puntos de vista sobre la Independencia, la inmigración y el servicio militar obligatorio. La justicia fundamento de la disciplina. Por la seguridad da America. Las grandes marchas del ejercito argentino através de su Historia. Pequeñas operaciones de guerra en la Historia militar argentina. El ejercito ante su segundo siglo de existencia. Autógrafo del capitán D. Angel Maria Zuloaga. El oficial ante la Patria. Autógrafo del subteniente S. R. Eduardo Bradley. El Hogar, la Escuela y el ejercito, como factores del Nacionalismo.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 1 de julho de 1916. Migalhas topographicas. Cryptotechnia. Exercicio em campanha. A estereophotogrammetria no Brazil. Piratarias nos litoraes brazileiros durante o reinado de Filippe II.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejército*, n.º 47 de maio de 1916. Máximas militares. Apuntes sobre libre navegación de los ríos internacionales. Cambios en el uniforme militar alemán. Nivelación. Guerra de montaña. Adiestramiento del caballo de guerra.

Cuba

- 1 *Boletim del ejército*, n.º 3 de julho de 1916. La silla militar. Compra de caballos para la remonta del ejército. El juego de la guerra. Informes de oficiencia. Deberes de un juez de campo. Guerra de montaña. Nuevo sistema de señales en el Campo de batalla. El levantamiento de un croquis general del país. Varias noticias de la actual guerra europea. Reflexiones sobre el servicio de aprovisionamiento y transporte del ejército en campaña. Legislación.

Espanha

- 1 *Boletim de Intendencia y intervención militares*, n.º 56 de julho de 1916. Algo sobre lubricantes. Homenaje a un Intendente. Los ejércitos de Carlos V, emperador, juzgados por los Embajadores italianos.
- 2 *Memorial de artillería*, n.º de julho de 1916. Telemetros reglamentarios. El cobre y el zinc en paz y en guerra. Efectos del tiro al shrapnel de la artillería de campaña.
- 3 *Memorial de caballería*, n.º de julho de 1916. A Su Magestad el Rey Don Alfonso XIII. A nuestros compañeros. A la Prensa. Dos cartas y unos comentarios. Saludo. Carta abierta. Excmo. Sr. Ministro de la Guerra. Algo sobre el Arma de Caballería. La guerra y sus causas. La «Revista de Caballería». El general Ricardos.
- 4 *Memorial de infantería*, n.º de julho de 1916. Proyecto de reglamento para la instrucción táctica de las tropas de infantería. Practica del servicio de enlaces. La infantería y la artillería en la defensa. Orientaciones alrededor de la guerra de hoy. Estudios napoleónicos. Estudio de mapas. Aviación militar.
- 5 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.º de julho de 1916. A nuestros suscritores. Flores del heroísmo. Estudios sobre infantería. Concepto de Patria. Advertencias para el combate. El ejército Ruso en la guerra de siete años.

Estados Unidos

- 1 *International Military Digest*, vol. 2, n.º 8 (agosto).
- 2 *Journal of the United States Artillery*, n.º de julho-agosto de 1916. Organization and tactics of coast artillery gun defense. The sperry searchlight. Give all base lines to the fire commanders. Additional practices in the coast defenses of pensacola. Planting and raising mines from scow. Improvised periscope for use in plotting rooms not connected with an observing station. Electric harbor boat for militia coast artillery armories.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de julho de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell' Arma di Cavalleria. Da un mese all' Altre. Fronti! Il cavallo di guerra. Cronistoria delle azioni della cavalleria nella guerra delle nazioni. A Guido Pacinetti. Il combattimento a piedi. Evoluzione — Trasformazione della Guerra. La Cavalleria sull' Altipiano di Asiago.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º de julho de 1916. Krigen xiv. Kampene om fort Vaux. Erfaringer angaaende sanitetstjenesten i felt.

Peru

- 1 *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, n.º de maio de 1916. Legislacion. Conferencias dadas en la Academia de Estado mayor. Enseñanzas de la guerra. Escuelas de fuego de artilleria. Gases asfixiantes y proyectiles incendiarios. El caballo peruano y el argentino. Las ametralladoras en la presente guerra.

Romania

- 1 *Romania militare*, n.º de junho de 1916. Igiena bivuacurilor, cantonamentelor si a retrasamentelor in timp de rasboin. O revista asupra bataliei dela Marna. Navigatia aeriana in timpul noptei. Notiuni asupra serviciului etapelor. Trupele de Ski-auri in rasboin. Scrivoare.

